Boletim Trimestral Segundo Trimestre de 1968 N.º 74

TL 2415

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

S. A. R. L.
BANCO EMISSOR NAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS
(EXCEPTO EM ANGOLA)
FUNDADO EM 1864
SEDE EM LISBOA

Estudos Económicos

ESTRUTURA GEOGRÁFICO-ECONÓMICA DE TIMOR

Sumário:

I PARTE

OS DADOS ESTRUTURAIS

pág.
1 — *SITUAÇÃO GEOGRÁFICA* 3
2 — *RELEVO* 3
3 — *REDE HIDROGRÁFICA* 4
4 — *CLIMA* 4
5 — *GEOLOGIA* 5
6 — *POPULAÇÃO* 5
7 — *LINGUAGEM* 6
  A) *Zona do teto* 6
  B) *Esboço linguístico de Timor* 7
8 — *RELIGIÃO* 7
  Diocese de Díli 7
9 — *ESTATUTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO* 8
  A) *Administração local* 8
  B) *Serviços públicos* 9
  C) *Regime financeiro* 9
  D) *Moeda* 11
10 — *ALGUNS SERVIÇOS PÚBLICOS E SOCIAIS* 12
  A) *Educação* 12
  B) *Alguns tópicos sobre a organização escolar de Timor* 13
    I. *Ensino infantil* 13
    II. *Ensino pré-primário* 13
    III. *Ensino primário* 13
    IV. *Ensino elementar de artes e ofícios* 14
    V. *Ensino elementar agrícola* . . . 14
    VI. *Ensino secundário* 14
      a) *ensino liceal* 14
      b) *ensino técnico profissional* . . 14
    VII. *Ensino de professores de posto escolar* 14
    VIII. *Cursos de preparação para os quadros técnicos* 14
    IX. *Ensino eclesiástico* 15
  C) *Saúde* 15
  D) *Radiodifusão* 15
  E) *Serviço postal e telecomunicações* . . 15
  F) *Energia eléctrica* 15
  G) *Transportes e comunicações* 16
    I. *Estradas e veículos* 16
    II. *Portos e navegação* 16
    III. *Transportes aéreos e aeroportos* . . 17

II PARTE

PERSPECTIVAS DA ECONOMIA DE TIMOR

1 — *RENDIMENTO PROVINCIAL E DESPESA PRIVADA* 18
2 — *PRODUTO INTERNO BRUTO* 19
3 — *ALGUNS FACTORES DE PRODUÇÃO* . . 20
  A) *O Homem (trabalho)* 20
  B) *Os factores naturais de produção* . . 21
    I. *A terra e a agricultura* 21
    II. *A agricultura de Timor e a ocupação japonesa* 22

pág.
III. *Alguns produtos agrícolas* . . . 23
- *a*) *café* 23
- *b*) *copra* 23
- *c*) *borracha* 24
- *d*) *evolução comparativa da economia dos três principais produtos de exportação* 24
- *e*) *tabaco* 27
- *f*) *algodão* 27
- *g*) *camim* 27
- *h*) *tuaca* 27
- *i*) *arroz* 27
- *j*) *milho* 27
- *k*) *batata-doce* 27
- *l*) *batata* 27
- *m*) *mandioca* 27
- *n*) *feijão* 27
- *o*) *trigo* 27
- *p*) *amendoim* 27
- *q*) *rícino* 28

IV. *Horticultura* 28
V. *Fruticultura* 28
VI. *Especiarias* 28
VII. *Cera* 28
VIII. *Quadro comparativo da evolução das produções de alguns géneros agrícolas* 28
IX. *Pecuária* 28
X. *Silvicultura e florestas* 30
- *a*) *floresta do litoral* 30
- *b*) *mangal* 31
- *c*) *floresta primária* 31
- *d*) *floresta secundária e savana* . 32
- *e*) *silvicultura* 34

XI. *Pesca* 34
XII. *Minerais e indústrias extractivas* . 35

4 — INDÚSTRIAS TRANSFORMADORAS . . 36

5 — COMÉRCIO EXTERNO 36

6 — TURISMO 39
- *A*) *Atracções turísticas* 39
- *B*) *Passaportes e outra documentação* . . 41
- *C*) *Alfândegas* 41
- *D*) *Hotéis* 41
- *E*) *Cinemas* 41

COMPILAÇÃO DE DADOS EXTRAÍDOS DE:

Banco Nacional Ultramarino:
Boletins Trimestrais, n.º 8 (30-Dez.-1951) e n.º 27 (30-Set.-1956)

Instituto Nacional de Estatística:
Boletins Mensais e *Anuário* (Parte II - Ultramar)

Agência-Geral do Ultramar:
Províncias Ultramarinas Portuguesas (Dados informativos - I), Lisboa — 1961
Províncias Ultramarinas Portuguesas (Dados informativos - II), Lisboa — 1966
Timor
Estatuto político-administrativo da Província de Timor
O Estado Português e o problema missionário (Eduardo Santos), Lisboa — 1964
Panorama actual e perspectivas futuras do ensino na província portuguesa de Timor, Lisboa — 1966
O ensino no Ultramar, Lisboa — 1966

Junta de Investigações do Ultramar:
Esboço histórico do sândalo no Timor Português (Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes), Lisboa—1950
Reconhecimento preliminar das formações florestais no Timor Português (Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes) *in* «Estudos, Ensaios e Documentos» (vol. V), Lisboa — 1950
Timor, Goa e outros confrontos etnográficos (António de Almeida) *in* «Estudos sobre a etnologia do Ultramar Português» (vol. II), n.º 84, Lisboa — 1961
Textos em teto da literatura oral timorense (Artur Basílio de S. Sá) — vol. I de «Estudos de Ciências Políticas e Sociais», n.º 45, do Centro de Estudos Políticos e Sociais, Lisboa — 1961
Anuário Católico do Ultramar, 1964 (2.ª edição), Lisboa — 1965

Ministério do Ultramar:
Projecto do III Plano de Fomento (4.º vol.) — Gabinete de Planeamento e Integração Económica, Lisboa — 1967

Inspecção do Comércio Bancário — Díli:
Relatório Anual — 1966

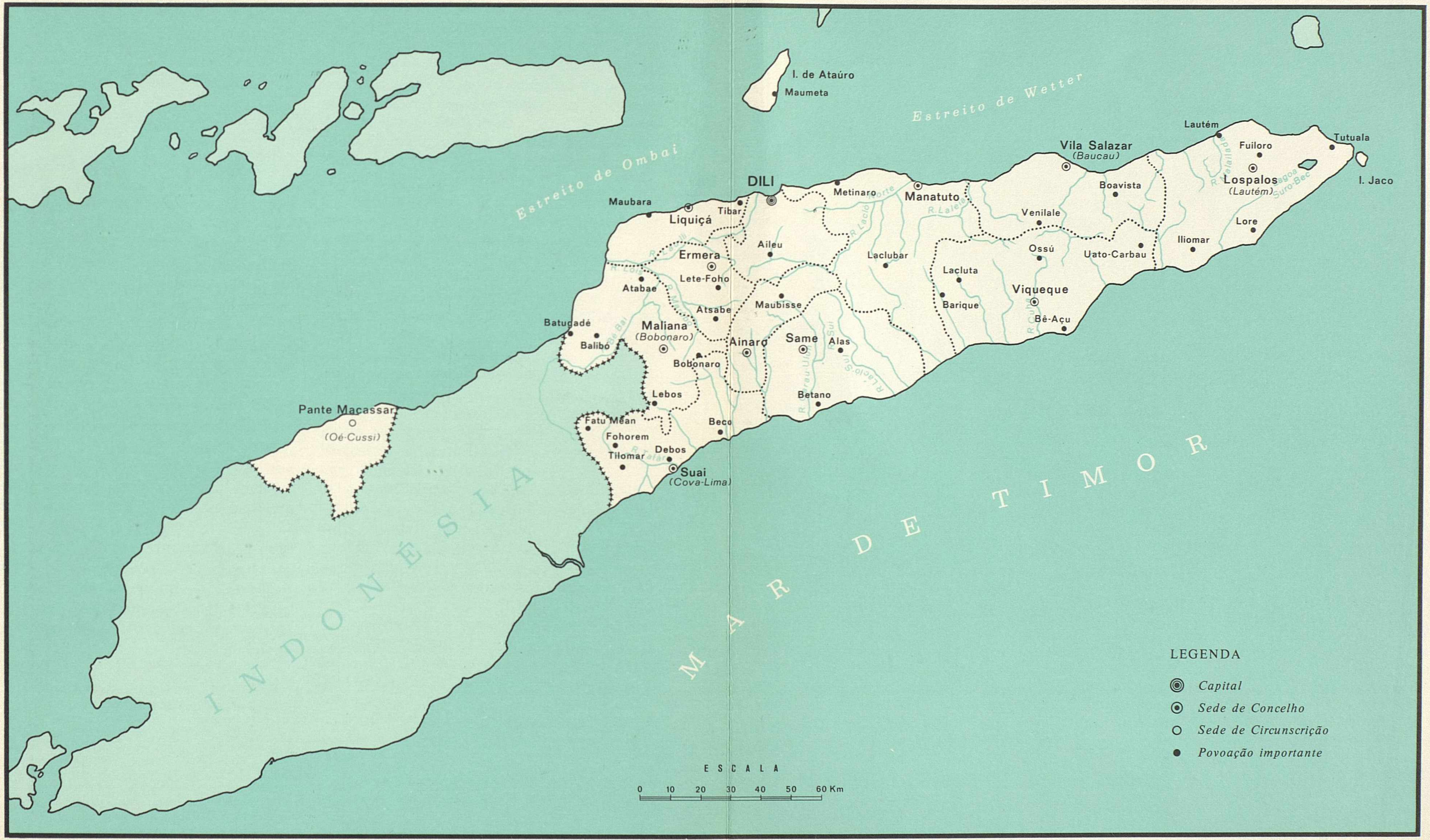
Escola Superior Colonial:
Notas sobre a geologia e a tectónica de Timor (Carlos Teixeira) *in* «Estudos Coloniais» (Revista da Escola Superior Colonial), vol. III (1952), fascículos n.ºs 1-2

Olisipo — Editorial Publicações Turísticas, Lda.:
Portugal país de turismo (Anuário do Turismo do Ultramar) — 1963-1964

Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais:
Atlas de Portugal Ultramarino e das grandes viagens portuguesas de descobrimento e expansão, Lisboa — 1948

MAPA DE
TIMOR

Província de TIMOR



I. de Ataúro
Maumeta
Estreito de Wetter
Estreito de Ombai
Lautém
Tutuala
Fuiloro
Lospalos
(Lautém)
Lagoa Suro-Bec
I. Jaco
Vila Salazar
(Baucau)
Boavista
Venilale
Lore
Iliomar
Uato-Carbau
Ossú
Viqueque
Bê-Açu
Lacluta
Barique
Manatuto
Metinaro
Laclubar
DILI
Tibar
Liquiçá
Maubara
Aileu
Ermera
Lete-Foho
Atabae
Atsabe
Maubisse
Batugadé
Balibo
Maliana
(Bobonaro)
Bobonaro
Ainaro
Same
Alas
Betano
Lebos
Fatu Mean
Beco
Fohorem
Debos
Tilomar
Suai
(Cova-Lima)
Pante Macassar
(Oé-Cussi)
INDONÉSIA
MAR DE TIMOR
LEGENDA
◉ Capital
◉ Sede de Concelho
○ Sede de Circunscrição
● Povoação importante
ESCALA
0 10 20 30 40 50 60 Km

I PARTE

OS DADOS ESTRUTURAIS

1 — SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A província de Timor situa-se no arquipélago de Sonda, entre a Indonésia e a Austrália, na zona intertropical. As suas coordenadas extremas são: latitudes — 8° 07′ S e 9° 28′ S; longitudes — 127° 22′ EG e 124° 02′ EG. É constituída por duas parcelas territoriais na ilha do mesmo nome (1) (localizada a mais importante, na parte oriental da ilha, e constituindo a segunda, o território de Oé-Cussi, encravado em território indonésio), pela ilha de Ataúro e pelo ilhéu de Jaco. A parcela territorial mais importante tem por limites, a Norte, Leste e Sul, o Oceano Índico e, a Oeste, as fronteiras terrestres (202 km) com a metade ocidental da ilha de Timor, hoje território indonésio, estabelecidas pela convenção luso-holandesa de 1 de Outubro de 1904 e por sentença arbitral de 25 de Junho de 1914.

A superfície total da Província é de 14 925 km², representando pouco menos de um sexto do território metropolitano. O comprimento máximo, em território português contínuo, é de 270 km, e a máxima largura é de 75 km.

2 — RELEVO

Timor é uma ilha de formação geológica relativamente recente, onde a erosão não completou ainda a sua acção niveladora. É, por isso, muito acidentada, encontrando-se os picos mais altos na parte ocidental do território português, onde se verifica a existência de um dorso central orientado para leste. Desta crista, que serve de linha de separação das águas e onde nascem quase todas as ribeiras de Timor, que correm para norte ou para sul, partem muitas ramificações que, na costa norte, se prolongam, por vezes, até ao mar, como é o caso da ponta de Fatu-Cama.

Na costa sul, os contrafortes desta cadeia central esbatem-se longe do mar, o que permite a existência de uma larga faixa litoral plana, constituída por formações aluviais contínuas.

Para leste, o relevo adoça-se e os picos montanhosos tornam-se menos frequentes, cedendo o lugar a formações planálticas das quais, por vezes, emergem elevações de vertentes escarpadas, tais como o Maté-Bian e o Mundo Perdido, que constituem o tipo de relevo chamado «fatu» (1).

A cordilheira do Ramelau ocupa quase totalmente a região oriental, sendo o seu pico mais elevado o Tata-Mai-Lau, de 2980 metros de altitude. O monte Caterai, de 2100 metros de altitude, separa Atsabe de Lete-Foho, e entre Atsabe e Ainaro domina o Darulau, com 2300 metros.

Na direcção de Same, encontra-se o monte Cablac, com 2300 metros. Bobonaro está rodeado, por sua vez, ao norte e noroeste, pelos montes Quolo, de 1800 metros, e Cailaco, de 1916 metros.

Além destes, existem nesta região vários outros picos, cuja altitude se aproxima dos 2000 metros.

Na parte oriental da ilha encontra-se o maciço de Maté-Bian, em que se destacam os picos de Boicau, com 2316 metros, e o Mundo Perdido, com 1763 metros.

---

(1) *Timur*, que no malaio vulgar significa «oriente», é também o nome indígena da ilha que os portugueses descobriram em 1511, ao passar por ela, quando da primeira viagem às Molucas, que António de Abreu levou a cabo por ordem de Afonso de Albuquerque. A ilha de Timor é a maior de todas as que formam o arquipélago da Pequena Sonda (ou Sunda), um dos muitos em que se divide aquela zona insular, a que os navegadores portugueses, outrora, chamaram *Mares do Sul* e os geógrafos modernos *Insulíndia, Malásia e Indonésia*. Esta última designação passou a revestir-se, a partir de 1946, de um significado político, por ter sido adoptada pela nova república ali recém-formada.

(1) Os timorenses usam a palavra «fatu» para designar elevações ou montanhas escarpadas, qualquer que seja a rocha constituinte. A palavra foi adoptada pelos geólogos.

Dos planaltos, os mais importantes são os de Fuiloro, na parte leste da ilha, e o de Baucau, qualquer deles com uma altitude média de 500 metros.

Quase todo o litoral da costa sul forma uma extensa e larga planície. Na costa norte, as planícies mais importantes são, de leste para oeste, a de Batugadé, a da Ribeira de Lóis, a de Metinaro, a de Manatuto e a do Com.

3 — REDE HIDROGRÁFICA

Em Timor não existem rios, mas sim ribeiras, não navegáveis, que, como as da maior parte das ilhas com pequena superfície e relevo montanhoso, desaparecem quase totalmente na estação seca e formam torrentes quando vem a época das chuvas. Os cursos de água de Timor correm, na sua maioria, para o norte e para o sul, devido à orientação da cordilheira central, onde quase todos nascem, não sendo navegáveis nem mesmo perto da sua foz.

Estes cursos de água apresentam-se no seu estado actual como um factor desfavorável para a economia da Província, já que, na estação pluviosa, as suas torrentes caudalosas destroem estradas, dificultando os transportes e as comunicações entre as regiões produtoras e as consumidoras e tornam problemática a construção de obras de carácter definitivo nas suas margens, como sejam as de aproveitamentos hidroagrícolas.

A principal bacia hidrográfica é a da ribeira de Lóis, que desagua a 20 km a sudoeste de Maubara, resultante da reunião de três outras: a Bé-Bai, que nasce em território indonésio, a Marôbo, cuja origem fica próximo de Bobonaro e a Lau-Ili, que nasce entre Ermera e Avileu, ao norte de Léte-Foho. A ribeira mais extensa é, contudo, a de Lacló-Norte, com quase 80 km e que desagua em Manatuto.

Estas duas ribeiras, situadas na costa norte, têm curso permanente.

Na costa sul, as ribeiras de Tafàra, Bé-Lulic, Carau-Ulun, Sui Lacló Sul e Cler levam também água durante todo o ano.

Na ilha de Timor não se encontram lagos, mas sim algumas lagoas, das quais a mais importante é a de Suro-Bec, na ponta leste da ilha, com 6,5 quilómetros de comprimento por 3 de largura. Além desta, há ainda a lagoa de Maubara e a de Tíbar, a oeste de Díli.

Durante a época das chuvas formam-se inúmeras cascatas que desaparecem na época seca. No entanto, há duas ou três permanentes, das quais a mais importante é a de Bandeira, na estrada Ermera-Bobonaro.

4 — CLIMA

Timor desfruta de clima quente do tipo intertropical com monções, com uma temperatura média anual superior a 21° C; segundo A. Miller, pode incluir-se Timor nas zonas de climas quentes de tipo equatorial, variedade do clima de monção à qual também pertencem Sumatra, Java, Bornéu, Malásia e parte da Nova Guiné.

Na mesma região, porém, as variações sazonais de temperatura são muito pequenas durante o ano, raramente excedendo 3,5° as diferenças *médias* do mês mais frio para o mais quente.

A conjugação do factor altitude com o relevo dá origem a uma acentuada variabilidade climatérica entre os diversos níveis das zonas mais elevadas, registando-se muitas áreas de clima temperado. Assim, o clima é quente e insalubre na zona litoral e nas planícies fechadas em vales profundos. Mas, na montanha, entre 500 e 1000 metros de altitude, o clima timorense lembra uma constante primavera. Na zona central chega a ser bastante frio (nas regiões de alta montanha). Nas zonas de pequena altitude, a temperatura chega a ser asfixiante; as noites, porém, são frias e húmidas. Nas altas montanhas a temperatura desce, por vezes, a 0 graus. Temos, portanto, pequena amplitude térmica sazonal aliada a grandes amplitudes térmicas diurnas, nalgumas regiões.

Timor tem apenas duas estações: a da época das chuvas, que vai de Novembro a fins de Março, e a da seca que começa em Abril e se prolonga até Outubro. Entre Dezembro e Abril, Timor é, eventualmente, atingido por tufões, com rajadas que atingem os 150 km/h.

No que respeita aos ventos, Timor está situado numa região sujeita à influência das monções asiática e australiana. De Dezembro a Maio, a primeira sopra de noroeste para sueste, trazendo as chuvas que caem em toda a ilha. De Junho a Outubro, sopra a monção australiana, de sueste para noroeste.

No que se refere à distribuição das chuvas, podemos considerar duas grandes regiões em Timor: a primeira, correndo ao longo da costa norte, numa faixa de cerca de 30 km de largura, onde a densidade das chuvas é fraca, variando de 500 a 1500 mm. Na outra região, compreendendo o resto do território, a pluviosidade raramente é inferior a 3000 mm.

5 — GEOLOGIA

A ilha de Timor é, na quase totalidade, formada por rochas sedimentares e rochas metamórficas. São frequentes, porém, os vestígios vulcânicos: fontes termais sulfurosas e vulcões de lama, que na circunscrição de Oé-Cussi são particularmente abundantes.

6 — POPULAÇÃO

A população de Timor, predominantemente malaia (localmente subdividida nos grupos étnicos *caladi e firacos*), ombreia com os tipos negroides, chineses, portugueses da Metrópole, etc.; segundo o censo de 1960, era de uns 517 000 habitantes; de acordo com o arrolamento administrativo de 1965, cifra-se em cerca de 555 000 almas. A taxa média de crescimento anual situa-se à volta de 1,7 por cento.

Do ponto de vista da distribuição espacial, a população de Timor caracteriza-se por acentuada variação de densidade por quilómetro quadrado. Com efeito, a uma densidade média global de 34,6 habitantes, correspondem nos concelhos e circunscrição de Oé-Cussi, densidades que oscilam entre um máximo de 83,4 hab/km^2, em Ermera, e um mínimo de 14,9 hab/km^2, em Manatuto.

A população da Província, segundo os sexos, por concelhos e circunscrição de Oé-Cussi, tinha a seguinte distribuição nos anos de 1950, 1960 e 1965:

Concelhos	H M			H		
	1950	1960	1965 (a)	1950	1960	1965 (a)
Total . . .	**442 378**	**517 079**	**555 723**	**232 018**	**267 783**	**291 327**
Díli	43 589	52 158	52 704	23 018	27 676	27 923
Baucau	60 290	70 177	74 791	31 936	36 644	39 489
Bobonaro	79 004	81 801	61 756	41 540	41 980	32 575
Ermera	85 929	98 369	61 901	44 258	50 695	32 793
Lautém	30 196	38 426	35 573	15 100	19 343	18 145
Manatuto	31 217	38 259	40 831	15 751	19 563	21 199
Oé-Cussi	17 476	21 398	23 753	9 094	11 002	12 487
Same	52 711	62 628	67 817	27 766	32 771	36 276
Viqueque	41 966	53 863	56 743	23 546	28 109	30 001
Cova-Lima	—	—	35 957	—	—	18 597
Liquiçá	—	—	43 897	—	—	21 842

(a) Estes elementos são os constantes do arrolamento administrativo e, como tal, consideram-se provisórios e sujeitos a rectificação.

Anota-se, seguidamente, a distribuição etária de que se dispõe, com base nos arrolamentos administrativos, e referente ao ano de 1963:

Classes	H	M
Total . . .	275 365	252 638
12 anos e menos . .	92 172	73 102
dos 13 aos 18 anos . .	29 159	28 739
dos 19 aos 60 anos . .	131 478	131 739
de 61 e mais	22 556	19 058

Quanto à distribuição por raças, não deverá ter sofrido alguma alteração sensível à apurada em 1950, em que se evidencia o predomínio do elemento timorense:

Distribuição por raças, segundo o censo de 1950

Raças	H M	H
Total . . .	442 378	232 018
Brancos	568	367
Mistos	2 022	1 003
Amarelos	3 128	1 764
Timorenses	436 448	228 750
Outras	212	134

O nível cultural da população é baixo.

A maior parte dos habitantes da Província vive de acordo com os usos e costumes tradicionais e em regime de economia de subsistência.

7 — LINGUAGEM

Em Timor, a língua oficial é o Português. No entanto (talvez devido ao isolamento e dispersão do nativo e não menos à truculenta e acidentada história daquela província ultramarina, durante quatro séculos exposta a reveses e vicissitudes de toda a ordem, para conter uma turba de povos feros e guerrilheiros, agastados entre si por desavenças ancestrais), onde o idioma português ainda não conseguiu constituir-se em «língua franca» da ilha, conseguiu-o já, desde há muito, um dialecto local: o *teto.*

A) Zona do teto — O *teto*, embora seja a «língua franca» do Timor Português, tem as suas zonas próprias. Assim, é falado como dialecto local nas áreas de Viqueque, Luca, Lacluta, Barique, Fehuc-Riin, Samoro, Fatuberliu, Alas e Bibi-Suçuc. Nestas áreas, situadas na parte sudeste da ilha, o *teto* confina com os seguintes dialectos: a leste, em terras de Viqueque, com o *makasae* e outros subdialectos, *nauheti, waimoa* e *midik*; para o centro da ilha, em terras de Lacluta e Samoro, com o *galoli* e os subdialectos *kai-rui* e *idate*; para oeste, em terras de Bibi-Suçuc e Alas, com o *mambae.*

Depois, é falado como dialecto local nas áreas de Suai, Fatu-Mean e Fohorem, na continuação da costa sul e a meio da ilha, aproximadamente. Aqui, o *teto* confina, para leste, com o *mambae*; para o interior, com o *bunak,* e para oeste, entra no território indonésio, onde também domina.

Finalmente, o *teto* ocupa as áreas de Batugadé e Balibó, terras limítrofes do Timor Português e do Timor Indonésio. Nestas áreas, situadas na costa norte, para os lados de leste, confina com o *kemak*; para oeste e interior da ilha, já nos domínios de Atambua, na parte indonésia, é ainda este o dialecto falado.

Podem, pois, assinalar-se em Timor duas zonas próprias do *teto*: uma, na parte oeste da ilha, no Timor Indonésio, que se estende até aos territórios portugueses de Batugadé e Balibó (costa norte) e de Suai, Fatu-Mean e Fohorem (costa sul) ; outra, na parte sudeste da ilha, no Timor Português, abrangendo extensas regiões, desde Viqueque a Alas, no litoral, e desde os limites de Ossú até Bibi-Suçuc, no interior.

Ao *teto* da zona norte, no Timor Indonésio, chamam os indígenas *tetun terik,* o qual é falado também, com certas variantes, nas terras indicadas das fronteiras portuguesas: Batugadé e Balibó; e ao *teto* da zona leste, no Timor Português, chamam os mesmos indígenas *tetun-los,* (*teto* puro, *teto* clássico), em oposição ao *tetun-peraça,* (o *teto* vulgar), «língua franca» do Timor Português, assim designado porque foi Díli, quando era ainda simples praça da soberania portuguesa, o principal centro deste *teto popular,* simplificado, invadido por termos e expressões portuguesas, reduzido às suas regras mais rudimentares, privado de suas expressões idiomáticas, de seus enfeites eufónicos, de seus ornatos sintácticos, de suas figuras de estilo. Pode ser ouvido ainda hoje em todos os meios populacionais mais importantes do Timor Português, a afastar-se cada vez mais das suas origens e a fundir-se com o Português num falar típico, que poderá vir a ser o «crioulo de Timor».

B) Esboço linguístico de Timor (1)

Malasianas	*1.º Grupo:* teto, tucudède, mambde, nogó-nogó, waimoa, kemak, habo, makasae, midik e nauheti; *2.º Grupo:* dagadá; *3.º Grupo:* marai; *4.º Grupo:* bunak; *5.º Grupo:* galoli, idate, lacalei e baikeno.
Não malasianas ou de posição incerta . .	*6.º Grupo:* ra-cluma, rai-eço, duá, lolei, daduá, nau-naca, becais, osso-moco, maceler, sá-ano e lovai-epulo.

8 — RELIGIÃO

O culto católico não tem sido descurado. Continua sujeito a estudo o pormenor histórico da chegada a Timor do primeiro missionário. O início do contacto dos Portugueses com a ilha data da primeira expedição às Molucas, sob o comando de António de Abreu, com o piloto Francisco Rodrigues, que fez do roteiro da viagem esboços panorâmicos, onde Timor figura também. A documentação existente diz que as primeiras conversões ao cristianismo nesta ilha ficaram a dever-se a portugueses, leigos ou do clero secular, estabelecidos em Solor, ancoradouro seguro dos barcos destinados a carregar sândalo. Sabe-se também que os primeiros religiosos enviados a cuidar desta cristandade incipiente e a fundar ali uma missão partiram de Malaca em 1561, embora outros missionários por ali tenham passado casualmente.

No ano de 1561, provàvelmente nos fins de Dezembro, nomeados pelo bispo de Malaca, Fr. Jorge de Santa Luzia, partiram daquela cidade, a fundar as cristandades de Solor e Timor, três dominicanos: Fr. António da Cruz, Fr. Simão das Chagas e um irmão leigo, de nome Fr. Aleixo.

Havia anos já que a semente do Evangelho frutificava naqueles sítios, graças ao zelo particular de alguns «moradores» portugueses e à passagem casual de um ou outro religioso, em viagem por aqueles mares (1). Mas estes antecedentes não passaram de prenúncios do alvorecer da Fé naqueles horizontes. Os primeiros apóstolos a iniciar efectivamente a ocupação cristã daquelas ilhas, foram, de facto, aqueles três dominicanos. Foi esta a célula embrionária das futuras missões católicas.

Data, pois, de há quatro séculos o esforço civilizador do português e a instrução e cultura do timorense, que parecem ter extinguido já na ilha o prestígio tirano do *matan-dok* e as suas práticas tenebrosas, substituindo aqueles ritos diabólicos e sangrentos pelas cerimónias religiosas do Cristianismo.

Diocese de Díli — Com a assinatura, em Roma, do «Acordo Missionário», em 1940, foi Timor eregida em diocese (2). Abrange esta a parte portuguesa da ilha, isto é, a parte oriental e o enclave de Oé-Cussi, e as ilhas de Ataúro e Jaco.

É Díli, capital da província de Timor, a sua sede episcopal.

---

(1) Segundo o «Atlas de Portugal Ultramarino e das Grandes Viagens Portuguesas de Descobrimento e Expansão» (Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais), Lisboa, 1948.

(1) Fr. Gaspar da Cruz, no prefácio da sua obra «Tractado em que se contam muito por extenso as coisas da China» — 1569/1570, dá a notícia de que no ano de 1556 um religioso dominicano, Fr. António Taveira, passara por Timor, onde teria baptizado cerca de cinco mil almas.

(2) Bula «Solemnibus Conventionibus», de 4-9-1940, aplicada em 18-1-1941.

O território diocesano é ocupado por paróquias, missões centrais, assistidas permanentemente por sacerdotes, e estações missionárias, visitadas periòdicamente pelos missionários, criadas e extintas de acordo com as exigências catequéticas dos lugares, dos tempos e dos povos.

A diocese tem 2 paróquias, 11 missões centrais e 69 estações missionárias.

As *paróquias* são as de Balide e Motael, ambas na cidade de Díli. As *missões centrais* são as seguintes: Ainaro, Alas, Ermera, Baucau, Fuiloro, Maliana, Manatuto, Ossú, Soibada, Suai e Ocussi.

O ensino diocesano é ministrado em 8 colégios, 41 escolas de ensino de adaptação, 9 escolas de ensino elementar, 1 escola normal, 10 internatos e 1 seminário menor.

A assistência médico-sanitária diocesana é prestada em 6 dispensários.

9 — ESTATUTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO

O «Estatuto Político-Administrativo da Província de Timor» (Decreto N.º 45 378 de 22 de Novembro de 1963), entrou em vigor em todo o território da Província em 1 de Janeiro de 1964 (¹).

A capital da Província é a cidade de Díli.

A província de Timor é pessoa colectiva de direito público e goza de autonomia administrativa e financeira, de harmonia com a Constituição Política da República Portuguesa, a Lei Orgânica do Ultramar (Lei N.º 2119 de 24 de Junho de 1963) e o Estatuto acima referido. A representação da Província compete ao Governador ou, para actos determinados, a quem este designar. Nos tribunais será representada:

a) pelos agentes do Ministério Público, segundo a sua hierarquia;
b) pelos representantes legalmente designados junto dos tribunais especiais.

Os órgãos de governo próprios da Província são o Governador, o Conselho Legislativo e o Conselho de Governo.

A competência dos órgãos legislativos da Província terá apenas os limites que resultam da competência da Assembleia Nacional, do Governo Central, em geral, e do Ministro do Ultramar, em especial.

A) Administração local — Está legalmente previsto que, para os fins de administração local, o território da Província se divida em concelhos formados por freguesias. Onde excepcionalmente não possam criar-se freguesias, existirão postos administrativos. A cidade de Díli poderá ser dividida em bairros.

Transitòriamente, nas regiões onde não tenha sido atingido o desenvolvimento económico e social para o efeito considerado necessário, poderão os concelhos ser substituídos por circunscrições administrativas, que se formam de postos administrativos, salvo nas localidades onde for possível a criação de freguesias.

Os postos administrativos podem dividir-se em regedorias e estas em grupos de povoações.

O território da Província divide-se efectivamente nos concelhos e circunscrição seguintes:

a) Concelho de Díli;
b) Concelho de Baucau;
c) Concelho de Bobonaro;
d) Concelho de Cova-Lima;

(¹) Em 1665, cerca de século e meio depois da chegada dos primeiros navegadores ao arquipélago das Sondas, é nomeada para a Província uma autoridade representativa do poder real e estabelecida a primeira capital em Lifau. Porém, já em 1593, os religiosos de S. Domingos haviam conseguido estabelecer-se em Timor, alcançando dos régulos e rainhas licença para erigirem «uma cristandade» e a concessão aos Portugueses de «muitas graças e facilidades».

Timor, como aliás todas as Províncias Ultramarinas, faz parte integrante do território nacional, exactamente como qualquer província metropolitana.

e) Concelho de Ermera;
f) Concelho de Lautém;
g) Concelho de Liquiçá;
h) Concelho de Manatuto;
i) Concelho de Same;
j) Concelho de Ainaro;
k) Concelho de Viqueque;
l) Circunscrição de Oé-Cussi.

As autoridades administrativas são as referidas na base XLVI da «Lei Orgânica do Ultramar» e as suas atribuições e competência são estabelecidas em lei especial.

B) Serviços públicos — Os serviços de administração provincial compreendem:

a) A Repartição de Gabinete;
b) As repartições provinciais de serviços;
c) Os serviços autónomos;
d) As divisões de serviços integrados em serviços nacionais;
e) Os outros serviços dotados de organização especial.

Junto da Repartição de Gabinete, e sob a directa superintendência do Governador, funciona a «Comissão Técnica de Planeamento e Integração Económica».

Na Província existem as repartições provinciais a seguir discriminadas:

a) Administração Civil;
b) Agricultura e Florestas;
c) Alfândega;
d) Economia e Estatística Geral;
e) Educação;
f) Fazenda e Contabilidade;
g) Geográficos e Cadastrais;
h) Marinha;
i) Obras Públicas, Portos e Transportes;
j) Saúde e Assistência;
k) Veterinária.

Os serviços autónomos, as divisões de serviços integrados em serviços nacionais, os serviços da Polícia de Segurança Pública ou outros com organização militarizada regem-se pelos diplomas especiais que lhes digam respeito.

C) Regime financeiro—A Província tem activo e passivo próprios, competindo-lhe a disposição dos seus bens e receitas e a responsabilidade das suas despesas e dívidas e dos seus actos e contratos.

O orçamento da Província é unitário, compreendendo a totalidade das receitas e despesas, incluindo as dos serviços autónomos, de que podem ser publicados, à parte, desenvolvimentos especiais.

Evolução das receitas ordinária e extraordinária (1965-1967)

Designação	Contos		
	1965	1966	1967 (¹)
Total . . .	**133 192**	**138 602**	**134 023**
Receita ordinária	81 971	90 421	81 853
Impostos directos gerais	29 047	29 506	29 150
Impostos indirectos	12 454	11 749	12 497
Indústrias em regime tributário especial	3 687	4 057	3 720
Taxas — Rendimento de diversos serviços	17 787	24 827	16 567
Domínio privado, empresas e indústrias do Estado	7 223	7 188	7 640
Rendimentos de capitais, acções e obrigações	—	—	—
Reembolsos e reposições	2 130	2 334	1 895
Consignação de receitas	9 643	10 760	10 384
Receita extraordinária	51 221	48 181	52 170

(¹) Previsão.

Importância relativa das receitas ordinária e extraordinária

(percentagens)

Designação	1965	1966	1967 (¹)
Receita ordinária	61,5	65,2	61,1
Receita extraordinária	38,5	34,8	38,9

(¹) Previsão.

A discriminação destas receitas torna possível uma análise do sistema tributário da Província e da respectiva alteração do ano de 1955 para o de 1965:

Designação	1955		1965		
	Contos	%	Contos	%	Índice base: 1955 = 100
Total	48 881	—	81 971	—	167,7
Impostos directos gerais	18 735	100	29 047	100	155
Contribuição industrial	3 380	18	5 857	20,1	173,3
Contribuição predial	1 272	6,8	3 413	11,7	268,3
Taxa anual	13 792	73,6	—	—	—
Outros	291	1,6	62	0,2	21,3
Impostos indirectos	9 998	100	12 454	100	124,5
Direitos de importação e exportação	9 213	92,1	9 997	80,3	108,5
Imposto do selo	785	7,9	2 309	18,5	294,1
Taxas	10 768	100	17 787	100	165,1
Receitas eventuais e não especificadas	7 823	72,7	12 604	70,9	161,1
Outras	2 945	27,3	437	2,4	14,8
Outras receitas	9 380	—	22 683	—	241,8

De 49 milhares de contos, em 1955, a despesa ordinária da Província passou a 73 milhares de contos, em 1965, o que representa um acréscimo de 50 por cento.

«Encargos gerais», «Serviços de fomento», «Serviços de saúde» e «Serviços de administração civil» acusam, em 1965, as mais fortes percentagens em relação ao volume total da despesa ordinária.

Os índices de crescimento mais elevados (ano-base: 1955) referem-se a «Governo da Província e representação nacional», «Encargos gerais» e «Serviços aduaneiros».

Apresentamos, seguidamente, o quadro discriminativo da evolução das despesas ordinária e extraordinária:

Evolução das despesas ordinária e extraordinária (1965-1967)

Designação	Contos		
	1965	1966	1967 (¹)
Total	115 107	137 206	134 023
Despesa ordinária	73 263	78 128	81 853
Dívida da Província	920	920	920
Governo da Província e representação nacional	1 957	2 173	2 291
Aposentações, jubilações, pensões e reformas	2 664	2 585	30 080
Administração geral e fiscal	26 483	28 786	32 559
Serviços de Fazenda	3 120	3 531	3 803
Serviços de Justiça	765	845	1 070
Serviços de Fomento	10 485	11 198	13 669
Serviços militares	5 116	5 116	5 120
Serviços de Marinha	841	770	868
Encargos gerais	20 715	21 965	18 279
Exercícios findos	200	239	194
Despesa extraordinária	41 844	59 078	52 170
Plano de Fomento	36 549	49 335	50 000
Outras despesas	5 295	9 743	2 170

(¹) Previsão.

Importância relativa das despesas ordinária e extraordinária

(percentagens)

Designação	1965	1966	1967 (¹)
Despesa ordinária	63,6	57,0	61,0
Receita extraordinária	36,4	43,0	39,0

(¹) Previsão.

D) Moeda — A moeda em vigor é o *escudo*. Tal como o escudo da Metrópole, divide-se em 100 *centavos* e tem a mesma paridade.

O Banco Nacional Ultramarino, com sede em Lisboa, é a entidade emissora, possuindo estabelecimentos na Província para todas as transacções.

10 — ALGUNS SERVIÇOS PÚBLICOS E SOCIAIS

A) Educação — Apresenta-se um quadro que dá uma ideia da distribuição, por concelhos e circunscrição, da população em idade escolar, que frequenta escolas, e dos professores e monitores que ministram o ensino (1964-1965):

Concelhos e circunscrição	Crianças que frequentam escolas	Agentes de ensino		
		Professores primários	Professores de postos escolares	Monitores
Ainaro	1 109	4	—	15
Baucau	2 328	1	1	38
Bobonaro	1 556	2	1	19
Cova Lima	582	—	—	7
Díli	3 868	15	3	40
Ermera	1 686	4	1	19
Lautém	2 139	3	1	25
Liquiçá	753	—	—	6
Manatuto	1 393	5	—	27
Oé-Cussi	566	4	—	14
Same	948	1	1	12
Viqueque	1 527	5	1	20
Total	18 455	44	9	242

Fonte: *III Plano de Fomento para 1968-1973*, vol. IV.

No quadro seguinte indica-se, para cada estabelecimento de ensino secundário, a frequência de alunos e o número de professores, no ano lectivo de 1965-1966:

Estabelecimentos de ensino secundário	Alunos	Professores
Liceu «Dr. Francisco Machado»	612	39
Seminário	67	8
Escola de professores de posto escolar «Eng.º Canto Resende»	60	8
Escola Técnica Elementar «Prof. Silva Cunha»	—	—
Escola Técnica de Enfermagem (¹)	58	8
Liceu chinês (¹)	109	9

(¹) Ano lectivo de 1964-65.

Fonte: *Anuário Estatístico*, vol. II (Províncias Ultramarinas) — I.N.E.

No ano lectivo de 1965/66 a Província dispunha:

— para o ensino infantil, de 41 estabelecimentos, assim distribuídos:

Missionários	40
Particulares	1

— para o ensino primário, de 164 estabelecimentos, assim distribuídos:

Oficiais	102
Missionários	41
Particulares	21

— para o ensino secundário, de 3 estabelecimentos, assim distribuídos:

	Liceus
Oficial	1
Eclesiástico	1
Particular	1

O prosseguimento dos estudos nos graus médio e superior (naquele, nos ramos não existentes na Província), é assegurado aos estudantes, que o mereçam e o desejem, mediante a concessão de bolsas de estudo, cujo aumento acompanha o processo ascensional do ensino em Timor, como adiante se verifica:

Anos lectivos:	Bolseiros
1961-62	4
1962-63	5
1963-64	7
1964-65	15
1965-66	17

A distribuição dos beneficiados por cursos, no ano lectivo de 1965/66, foi a seguinte:

Ensino Técnico Profissional	5
Instituto Industrial	1
Topografia	3
Magistério Primário	4
Direito	1
Medicina	2
Engenharia	1

Os montantes das verbas gastas em bolsas de estudos, nos últimos três anos indicados, pelas verbas do orçamento da Província, foram, respectivamente: 1963 — 65 500$00; 1964 — 81 250$00; e 1965 — 124 662$00. Há ainda a considerar outras verbas concedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Câmara Municipal de Díli, pelas Comissões Municipais e por diversas entidades privadas.

B) Alguns tópicos sobre a organização escolar de Timor — A organização escolar de Timor enquadra-se no plano educativo ao nível nacional, ainda que incompleta no que respeita a alguns ramos e graus de ensino cuja existência a pequenez do território não justifica.

Os programas escolares, apenas adaptados ao particularismo do meio em que a escola se situa, são os mesmos que vigoram em todo o espaço português.

Os Serviços de Educação de Timor constituem uma repartição provincial a cujo chefe cumpre promover e manter a integração de todas as actividades de natureza cultural e pedagógica da Província, de harmonia com o interesse público e segundo o plano nacional.

Presentemente, existem na província portuguesa de Timor os seguintes graus de ensino: infantil, pré-primário, primário, elementar de artes e ofícios, de preparação de professores de posto escolar, secundário liceal, eclesiástico e de preparação de quadros técnicos.

O ramo do ensino secundário técnico profissional e os graus médio e superior são supridos mediante a concessão de bolsas de estudo que permitem aos interessados seguir aqueles cursos na Metrópole ou noutras províncias do Ultramar. Igualmente são concedidas bolsas de estudo a alunos do interior da Província que desejem frequentar o liceu de Díli e não disponham de meios suficientes para tanto.

I - Ensino infantil — Em Díli existe, desde 1963, uma escola infantil do tipo jardim-escola, subsidiada pela Mocidade Portuguesa Feminina. Funciona anexa à Escola Primária Central em regime de coeducação e propõe-se o desenvolvimento integral da criança e a sua preparação para o ensino escolarizado. Existem outras classes infantis nas missões religiosas.

II - Ensino pré-primário — O ensino primário elementar é precedido de uma classe pré-primária destinada à prática do uso oral corrente da língua nacional e actividades preparatórias para o ensino escolarizado e ao despertar racional das faculdades específicas da criança, especialmente através de actividades lúdicas.

A classe pré-primária é obrigatória para todas as crianças com seis anos feitos ou a fazer até 31 de Dezembro do ano da matrícula.

III - Ensino primário — O início do ensino das primeiras letras na província de Timor deve ter acompanhado de perto o estabelecimento dos primeiros missionários, que ali foram fixar-se, pouco tempo após a descoberta, nos princípios do século XVI. As primeiras instituições, que constituiram já verdadeiras escolas, datam do século XVIII.

O ensino primário elementar em Timor, tal como em todo o espaço português, é essencialmente educativo, intuitivo e utilitário, consoante os condicionalismos físicos e sociais do ambiente em que se processa. Os seus programas são os que se encontram em vigor na Metrópole e em todas as parcelas do território nacional, embora determinados aspectos sejam mais ou menos desenvolvidos em concordância com a ambiência escolar. No meio timorense, essencialmente rural, a orientação educativa tende, naturalmente, para a dignificação e elevação do trabalho campestre, de modo a incutir-se na consciência da criança o amor à terra, o sentimento da nobreza das actividades agrícolas e a ideia do seu valor económico como factor de melhoria de vida.

Além das escolas oficiais, existe em Timor o ensino primário oficializado a cargo das missões católicas e unidades militares e o particular, ministrado nas escolas privativas das colónias chinesa e islâmica.

Para permitirem a alfabetização de indivíduos que já ultrapassaram a idade escolar, encontram-se criados vários cursos nocturnos, uns directamente a cargo do Estado, outros das unidades militares, cujo concurso no capítulo da instrução é digno de nota.

IV - Ensino elementar de artes e ofícios — Existe em Fuiloro (concelho de Lautém), a cargo dos Salesianos, uma escola elementar de artes e ofícios para a preparação de marceneiros, mecânicos, sapateiros e alfaiates. Os cursos elementares de artes e ofícios podem ser ministrados após a conclusão do ensino primário ou simultâneamente, consoante a idade dos alunos. O seu regime normal é de internato ou semi-internato.

V - Ensino elementar agrícola — Em Outubro de 1967, entrou em funcionamento, em Fatu-Maca, próximo de Baucau, uma escola elementar agrícola, a cargo dos padres salesianos.

VI - Ensino secundário — O ensino secundário, na orgânica escolar portuguesa, divide-se em três ramos distintos: ensino liceal, ensino técnico profissional e ensino agrícola.

a) O *ensino liceal* completo compreende sete anos, dividido em três ciclos, respectivamente com dois, três e dois anos.

O ensino liceal foi criado na Província em 1938, ano em que abriu o Colégio-Liceu Dr. Vieira Machado (ficou, pois, sendo seu Patrono o actual Governador do B. N. U.), com carácter semioficial. Em 1960, foi transformado em liceu nacional, com a designação de Liceu Dr. Vieira Machado. Em Timor, o ensino liceal é ministrado em dois cursos, um diurno e outro nocturno, um para o primeiro e segundo ciclos e outro para os três ciclos.

No interior da Província, existem cursos particulares de âmbito liceal, a cargo das unidades militares; e a colónia luso-chinesa possui, em Díli, um colégio-liceu para o ensino secundário, com programas próprios.

b) O *ensino técnico profissional* é constituído por um ciclo preparatório de dois anos, a que se seguem cursos de formação profissional. Em Setembro de 1965, foi criada a Escola Técnica Elementar de Díli. Em Outubro de 1966, começou a funcionar, já com os dois anos do ciclo preparatório e tendo como patrono o Professor Silva Cunha, actual Ministro do Ultramar.

VII - Ensino de professores de posto escolar — Em Timor, encarou-se a conveniente preparação de professores especialmente destinados aos meios rurais. São os «professores de posto escolar». Estes agentes do ensino dispõem já de uma cultura literária e pedagógica regular, obtida através de um curso com a duração de 4 anos. Em Agosto de 1965 foi criada a primeira escola de habilitação de «professores de posto escolar» de Timor, à qual foi dado o nome de «Engenheiro Canto Resende», que ficou a funcionar em Díli, sob a direcção da Diocese.

VIII - Cursos de preparação para os quadros técnicos — À margem do plano educativo nacional, determinados serviços provinciais mantêm cursos não regulares de preparação de pessoal para preenchimento dos seus próprios quadros técnicos ou aperfeiçoamento dos existentes. Neste campo, os cursos mais importantes, pela sua regularidade, são os efectuados pelos Serviços de Saúde e Assistência desde 1947. Em 1964, foi criada a Escola Técnica dos Serviços de Saúde e Assistência.

Nas oficinas mecânicas dos Serviços de Obras Públicas, nos campos de estudo dos Serviços de Agricultura e nos Serviços de Correio, Telégrafos e Telefones, industriam-se práticos para ocorrer às necessidades próprias ou com a simples intenção de dotar a Província com pessoal habilitado.

Em 1966, funcionaram cursos nos Serviços de Agricultura e de Veterinária, que foram frequentados, respectivamente, por 9 e por 7 alunos.

IX - Ensino eclesiástico — A Diocese de Díli possui um seminário em Dare, arredores de Díli, a cargo dos padres da Companhia de Jesus, onde se preparam, até ao sexto ano, futuros sacerdotes. A conclusão do curso é efectuada no Seminário de Macau.

A fundação do Seminário de Díli (Dare) data de 1936 e registou em 1965/66 uma frequência de 54 alunos.

C) Saúde — Timor dispõe actualmente de dez hospitais, dos quais dois se classificam como urbanos — hospital de Baucau e Hospital Central do Dr. Carvalho, em Díli — e oito como rurais, localizados em Ainaro, Lospalos, Bobonaro (Maliana), Ermera, Viqueque, Oé-Cussi, Liquiçá e Laclubar.

Este último será brevemente transformado em hospital-sanatório, ficando assim a servir toda a Província.

A capacidade de internamento dos 10 hospitais existentes é actualmente de 500 camas.

Além dos hospitais referidos, a Província dispõe de nove maternidades, localizadas em Díli, Baucau, Ainaro, Lospalos, Bobonaro (Maliana), Ermera, Oé-Cussi, Manatuto e Viqueque.

As localidades sedes de posto administrativo são servidas por postos sanitários, num total de 46, dos quais 26 têm possibilidades de hospitalização, com uma capacidade total de 100 camas.

Em Batugadé (área do posto de Balibó) e em Nuno-Heno (circunscrição de Oé-Cussi) funcionam postos sanitários de consulta e de tratamento.

A Província dispunha, em 1966, de 19 unidades médicas e de 101 unidades de enfermagem.

D) Radiodifusão — A «Emissora de Radiodifusão de Timor», trabalhando na frequência de 3268 kc/s., banda dos 90 m, emite diàriamente programas recreativos, culturais e noticiosos, em português, inglês e «tetum» (teto) — dialecto nativo de Timor e sua «língua franca», como atrás indicámos.

E) Serviço postal e telecomunicações — Recentemente, entrou em funcionamento o novo centro de telecomunicações de Díli e espera-se para muito breve a montagem de uma central telefónica automática na mesma cidade, com o melhoramento da respectiva rede, da rede telefónica geral da Província e o aperfeiçoamento do serviço postal, incluindo a criação de ambulância postal.

Em 1966, existiam em Timor 58 estações telefónicas, 64 postos públicos, 82 de serviço e 451 particulares. A extensão da respectiva rede era de 1817 km para os traçados e de 4315 km para os fios condutores. Aguarda-se, também para breve, a montagem da rede de rádio interurbana.

F) Energia eléctrica — As características do irregular caudal das ribeiras, quase todas sem água na época seca, e a inexistência de quedas de água naturais e permanentes susceptíveis de aproveitamento hidroenergético, levam a classificar como muito modestos os recursos desta natureza existentes na Província. Crê-se, no entanto, que Baucau e Ossú possam vir a oferecer possibilidades de produzir cerca de 500 kW.

A central de Díli dispõe de dois grupos geradores de tipo *Diesel* com uma potência unitária de 278 kW, considerada insuficiente, estando em curso a sua ampliação.

Actualmente, a rede de distribuição, a 6000 V, alimenta oito postos de transformação, com uma potência total instalada de cerca de 700 kW.

O aproveitamento hidroeléctrico de Baucau, para o qual já existe projecto aprovado, é muito importante, porquanto servirá de pólo de desenvolvimento de certa projecção. Com efeito, Baucau, além de ser o segundo centro populacional da Província, dispõe de algumas pequenas indústrias, de um aeroporto internacional e de perspectivas turísticas que implicarão substancial aumento nos consumos de energia.

	1966
Centrais eléctricas (total)	34
Potência (kW) (total)	782
Térmicas	32
Potência (kW)	757
Serviço público	24
Potência (kW)	720
Serviço particular	8
Potência (kW)	37
Hidráulicas	2
Potência (kW)	25
Serviço público	2
Potência (kW)	24
Serviço particular	—
Potência (kW)	—
Consumo de energia eléctrica (1000 kW)	737
Iluminação pública	*210*
Iluminação particular	*467*
Força motriz	*60*

G) Transportes e comunicações

I - Estradas e veículos — A rede rodoviária, embora de extensão adequada às dimensões da Província, não corresponde, no seu estado actual, às necessidades de Timor. Difìcilmente transitáveis na época seca, as estradas tornam-se impraticáveis no período das chuvas: as numerosas ribeiras que constituem o sistema hidrográfico da ilha transformam-se em torrentes, dificultando as ligações, tanto ao longo da costa como entre as zonas férteis do Sul e os principais centros consumidores do Norte. Prevê-se, para breve, a conclusão da estrada Díli-Loré e, seguidamente, a construção das transversais que liguem a costa norte aos centros produtores da costa sul, servindo simultâneamente as zonas do café e da borracha.

Estradas:	1966
Extensão (km)	1 920
1.ª classe	*526*
2.ª classe	*397*
3.ª classe	*270*
Não classificadas	*727*
Veículos motorizados, em circulação	1 034
Automóveis ligeiros	*419*
Automóveis pesados	*282*
Tractores	*76*
Motociclos	*257*
Segundo a entidade proprietária:	
Estado	219
Corpos administrativos	43
Particulares	772
Carreiras regulares de camionagem, em 31 de Dezembro	12

O programa a executar no período 1968-1973 (III Plano de Fomento) consistirá no prosseguimento da execução das obras rodoviárias da Província já definidas. Assim, prevê-se a construção de:

160 km na estrada Díli-Tibar-Ermera-Atsabe-Bobonaro-Maliana;

130 km na estrada Díli-Aileu-Maubisse-Same-Betano;

109 km na estrada Baucau-Venilale-Ossú-Viqueque-Beaço;

150 km na estrada Díli-Loré.

Nesta última, foram já construídos (rectificados e melhorados) cerca de 30 km, estando mais 13 km em construção.

II - Portos e navegação — Dotado de um cais acostável para navios de longo curso, o porto de Díli tem um movimento anual de carga da ordem das 20 000 toneladas. Porto de acesso das mercadorias importadas, por ele se escoa também quase toda a produção das ricas áreas do café — a região de Ermera e a zona norte do concelho de Same. O navio «Arbiru», com cerca de 400 toneladas e calando aproximadamente 3,2 m, assegura a ligação, entre si, dos pequenos portos da Província, e destes com o porto principal de Díli. No que se refere aos pequenos portos, cujos trabalhos topo-hidrográficos se encontram quase concluídos, faltando apenas recolher alguns elementos referentes à ondulação, não se prevê a construção de cais acostáveis durante o actual III Plano de Fomento.

Abre-se uma excepção para o pequeno porto de Pante-Macassar, no enclave de Oé-Cussi, que se admite venha a ser dotado com obras acostáveis ligeiras ou com cais flutuantes que permitam a atracação de barcos ou batelões. Afigura-se também de grande necessidade o estabelecimento de um pequeno porto na ilha de Ataúro.

Tráfego do porto de Díli

Embarcações entradas	1966
Total (n.º)	44
Tonelagem de arqueação bruta	69 459
Tonelagem de arqueação líquida	35 587
Nacionais (n.º)	9
Longo curso (n.º)	9
Tonelagem de arqueação bruta	28 216
Tonelagem de arqueação líquida	13 819
Estrangeiras (n.º)	35
Tonelagem de arqueação bruta	41 243
Tonelagem de arqueação líquida	21 768

Carga:	1966
Carregada (toneladas)	3 989
País de nacionalidade das embarcações:	
Portugal	969
Estrangeiros	3 020
Descarregada (toneladas)	22 018
País de nacionalidade das embarcações:	
Portugal	3 593
Estrangeiros	18 425
Passageiros:	
Embarcados (n.º)	849
Desembarcados (n.º)	895

III - Transportes aéreos e aeroportos — A rede de aeródromos da Província é constituída por um aeroporto em Baucau e por pistas de aterragem em Díli, Oé-Cussi, Ataúro, Suai, Maliana, Same, Fuiloro e Viqueque. Apenas o aeródromo de Baucau, com uma pista asfaltada de 2500 m, oferece condições para ser escalado por aviões de qualquer tipo, desde que as condições de visibilidade o permitam. As restantes pistas, cuja extensão varia entre 800 m e 1500 m, são de terra batida, não oferecendo garantias para o regular funcionamento dos transportes.

A descontinuidade territorial do Oé-Cussi e da ilha de Ataúro, o facto de outras regiões ficarem isoladas nas épocas chuvosas, as deficiências do sistema rodoviário e a irregularidade dos transportes por mar, conferem aos transportes aéreos uma importância excepcional no contexto económico e político da Província.

A província de Timor está ligada pelo aeroporto internacional Eng. Madeira Pinto, em Baucau, ao aeroporto de Darwin, na Austrália; entre estes, efectuam-se carreiras aéreas que, de Darwin, ligam com várias linhas aéreas internacionais. Em Díli, o Banco Nacional Ultramarino, como agente da Q.E.A. e da B.O.A.C., faz reservas e fornece ordens de passagens de e para qualquer aeroporto do Mundo.

Os Transportes Aéreos de Timor (T.A.T.) efectuam as ligações internas entre Baucau, Díli, Lospalos, Viqueque, Suai, Maliana, Oé-Cussi e Ataúro.

II PARTE

PERSPECTIVAS DA ECONOMIA DE TIMOR

I — RENDIMENTO PROVINCIAL E DESPESA PRIVADA

Os valores do rendimento nacional parcelar calculados para Timor, são baixos (a preços constantes: 159,8 milhares de contos em 1953 e 212,6 milhares de contos em 1962 — M.E.R.N.U.) (¹). Estes valores não se traduzem em capitações tão baixas se se tiver em consideração que a vida económica dos habitantes se baseia numa economia de subsistência. A situação económica de Timor caracteriza-se, efectivamente, por forte predomínio da economia de subsistência, cujo fluxo ultrapassa os 80 por cento do rendimento provincial total (a preços constantes: 830,1 milhares de contos em 1953, 1064,3 milhares de contos em 1962 e 1105,6 milhares de contos em 1963).

Analisando a evolução do rendimento provincial no decénio considerado (1953-1962), verifica-se que, apesar de movimentos regressivos — 1959, 1960 e 1962 (a preços constantes, haveria a assinalar outro em 1954) —, a mesma foi de movimento geral ascendente: o acréscimo médio anual foi da ordem dos 3,2 por cento, aceitável para aquela zona do Globo. Articulando-se este acréscimo com a taxa de variação da população, que teria aumentado a 1,6 por cento, fica evidenciado que o nível médio do rendimento monetário melhorou. Esta melhoria pode, aliás, comprovar-se pela variação das capitações que, com um acréscimo decenal de 16,6 por cento (a preços correntes: 29 por cento), exibiram um aumento anual médio da ordem dos 1,7 por cento (a preços correntes: 2,9 por cento).

A distribuição percentual do rendimento provincial pelas suas principais componentes dá-nos o seguinte esquema:

Categorias de rendimento	1953	1962
Remuneração do trabalho . . .	57,7	54,5
Rendimento de empresas não constituídas em sociedade . .	26,4	33
Rendimento da propriedade . .		
Rendimento do Estado, proveniente do s/ domínio privado e empresas	7,3	6,1
Outras	8,6	6,4
Rendimento nacional . .	100	100

As contas provinciais, para 1963, fornecem-nos valores que confirmam a tendência assinalada e mostram um ritmo de crescimento mais forte. De 1962 para 1963, deu-se um acréscimo de aproximadamente 11 por cento, correspondente a 23,3 milhares de contos (em 1962: 212,6 milhares de contos; em 1963: 235,9 milhares de contos), tendo sido esse acréscimo reflexo da melhoria verificada em todas as componentes de rendimento, nomeadamente na «Remuneração do trabalho», no «Rendimento de empresas» e no «Rendimento da propriedade».

Se considerarmos uma rubrica «Despesa de consumo privado», que englobe as despesas de consumo das famílias e a dos organismos privados sem fins lucrativos, vemos que aquelas participam com cerca de 98 por cento do total e estas com a diminuta percentagem de 2 por cento, em média, o que põe em destaque a pouca importância directa que o sector associativo tem no circuito económico monetário da Província. Esta rubrica, «Despesa de consumo privado», revela, ao longo do período considerado (1953-1962), uma evolução moderadamente ascendente, mas perturbada por movimentos alternados de descida e subida, com a única excepção do triénio de 1956-1958. Para tais evoluções e movimentos

---

(¹) Missão de Estudos do Rendimento Nacional do Ultramar.

contribui decisivamente a componente «Géneros alimentícios», cuja variação, decorrente de bons e maus anos agrícolas, evidencia a importância do autoconsumo na economia de Timor. Assim, a rubrica «Despesa de consumo privado», porque relativa apenas aos fluxos monetários, é pouco significativa e não traduz o nível económico das populações, em vista de os fluxos monetários representarem apenas cerca de 20 por cento do rendimento provincial global.

A importância relativa, em percentagens, das principais componentes da «Despesa de consumo das famílias» pode observar-se no quadro seguinte:

Componentes	Percentagens		
	1953	1962	1963
Géneros alimentícios	43,2	53,7	53,5
Bebidas	6,4	3,2	3,2
Tabaco	1,8	2,6	3,3
Artigos de vestuário e outros objectos de uso pessoal	24,8	15	14,3
Rendas e consumo de água	10,6	10,5	10,2
Mobiliário e artigos domésticos	2,8	1,7	1,8
Transporte e comunicações	2,9	4,3	4,5
Outras	7,5	9	9,2
Despesa de consumo das famílias	100	100	100

A «Despesa de consumo dos organismos privados sem fins lucrativos», que pouca expressão assume na «Despesa de consumo privado» (cerca de 2 por cento), apresenta, ao longo do período analisado, um movimento ininterrupto e regular de crescimento.

A inclusão dos fluxos não monetários na «Despesa de consumo privado» faria quase sextuplicar os valores calculados para aquela despesa (em 1963: 184,9 e 1049,2 milhares de contos, respectivamente, sem e com inclusão de fluxos não monetários).

2 — PRODUTO INTERNO BRUTO

O quadro da origem do produto interno bruto revela o predomínio dos ramos de actividade «Agricultura, silvicultura, caça e pesca», «Comércio por grosso e a retalho», «Administração Pública e Defesa» e «Serviços» que, em conjunto, representam mais de 92 por cento do total do produto sobre os restantes, alguns dos quais («Transportes, entrepostos e comunicações» e «Propriedade de casas de habitação») não atingem 1 por cento na sua participação relativa.

No quadro seguinte, indica-se essa participação, relativa a cada um dos ramos de actividade, na formação do «Produto interno bruto aos preços do mercado», nos anos extremos do decénio 1953-1962:

Ramos de actividade	Participação relativa	
	1953	1962
Agricultura, silvicultura, caça e pesca	31	32,5
Indústrias extractivas	1,8	1,1
Indústrias manufactureiras		
Construção	1,8	2,8
Electricidade, gás e água	—	—
Transportes, entrepostos e comunicações	0,8	0,8
Comércio por grosso e a retalho	24,8	25,8
Bancos, seguros e transacções sobre imobiliários	3,9	3
Propriedade de casas de habitação	0,2	0,2
Administração pública e defesa	17	17,9
Serviços	18,7	15,9
Produto interno bruto	100	100

Sendo a economia de Timor essencialmente agrícola, não surpreende a posição de «Agricultura, silvicultura, caça e pesca» (32,5 por cento em 1962); mas poderia esperar-se que, pelo menos, a indústria transformadora dos seus produtos contribuísse para uma melhor posição do respectivo ramo do que aquela que apresenta. O «Comércio» ocupa posição destacada (25,8 por cento), em natural paralelismo com a agricultura e silvicultura, e destacada é também a posição da «Administração pública e defesa» na formação do produto interno (17,9 por cento). De assinalar o pouco relevo do ramo da «Propriedade de casas de habitação», pràticamente sem contribuição no produto (0,2 por cento), já que toda a actividade neste ramo tem sido desenvolvida pelo Estado. Os «Serviços» são o outro ramo de actividade com saliente participação no produto interno bruto, mas a sua importância relativa decaiu (em 1953: 18,7 por cento; em 1962: 15,9 por cento).

Analisando a evolução do «Produto interno bruto ao custo dos factores» (a preços constantes) no período considerado (1953-1962), observa-se que o mesmo apresenta um movimento alternado de descida e subida, bastante perturbado, mas sem deixar de revelar uma tendência ascendente. Assim, entre 1953 e 1955, o produto baixa, subindo em 1956, para no ano seguinte voltar a descer; em 1958, sobe novamente, tornando a baixar em 1959 e 1960. Nos dois últimos anos do mesmo período (1961 e 1962), elevou-se aos seus maiores valores, o que permitiu definir-se a tendência ascendente assinalada.

Em 1963, definiu-se melhor a tendência ascensional do produto interno bruto, que apresentou, nesse ano, o maior valor de sempre (268,9 milhares de contos), com uma taxa de acréscimo, em relação ao ano anterior, de 17,4 por cento, verdadeiramente notável se não fora o seu baixo nível. Este acréscimo foi devido, *em especial,* aos quatro ramos de actividade já referidos, acompanhados, no entanto, por todos os restantes. O maior aumento foi o acusado pela «Administração pública e defesa».

3 — ALGUNS FACTORES DE PRODUÇÃO

A) O Homem (trabalho) — Vai-se distanciando no tempo, a época em que o timorense rural, dominado por uma estrutura animista primitiva, tinha como *exclusiva* unidade económica a família e, coerentemente, limitava a sua actividade produtiva à horticultura e à criação de gado menor, ajudado na faina quotidiana pela mulher e pela prole, simplesmente para satisfazer as necessidades imediatas de subsistência.

A esta psicologia de labor restrito ao pão para o dia, pura expressão do trabalho, apenas determinado pelo instinto de conservação e por uma constelação de condicionalismos geopolíticos e sociais (motivações que se resolviam em hostilidade do timorense rural a produzir mais do que o necessário para seu sustento e de sua família), está sucedendo, entre os povos dos vários concelhos, uma evolução da classe média rural em que se nota o crescente fascínio do «ter» e do «adquirir» bens e serviços no mercado, interesse que inclui o apetecer da propriedade dos meios de produção, já na sua posse precária, e se traduz em estímulo individual para o trabalho espontâneo.

A explicação para o retraimento ainda existente, no entanto, no rural timorense, em trabalhar para patrões, deve ser procurada no facto de a agricultura, carente de tecnologia moderna e com baixos índices de produtividade, não compensar em rendimento que permita aos patrões suportar com facilidade os encargos da legislação protectora do trabalho e subir os salários para níveis económicos que proporcionem maior capacidade aquisitiva aos trabalhadores (o que desde logo alargaria, também, o mercado interno consumidor).

Por outro lado, não é estranho ao comportamento do rural timorense, frente ao trabalho assalariado, a circunstância da insuficiência de albuminas, gorduras, hidratos de carbono, vitaminas e sais na sua alimentação corrente, rudimentar e escassa.

No entanto, o trabalhador rural timorense de hoje já não pensa em trabalhar só para comer: anseia por gozar os bens da civilização, através do seu trabalho. Nos seus hábitos e costumes, está, pode mesmo dizer-se, a afastar-se da estirpe do *homo orientalis,* e aproximando-se nìtidamente do *homo europæus.*

A difusão do ensino, intelectualizante e técnico, cria na juventude rural timorense uma mentalidade voltada para o progresso, em relação à agricultura, mentalidade que aceita com entusiasmo as práticas racionais de cultivo e a mecanização, com rejeição de processos anacrónicos advindos da tradição e costumes cristalizados.

O rural timorense já deitou fora, em certas áreas, o «ai suac» (alavanca de madeira, aguçada num dos extremos, que utilizava na cava da terra) e pegou na enxada e na charrua a que ajouja juntas de bois domesticados. Olha agora, deslumbrado, para os tractores que rasgam as planícies e, num dia, arroteiam mais terra do que a que arroteariam cem homens robustos durante um ano.

B) Os factores naturais de produção

1 - A terra e a agricultura — Embora o solo de Timor seja fértil, a grande distância a que esta parcela do Império Português se encontra da Metrópole e dos grandes mercados do mundo, limita os seus horizontes económicos.

Num antigo *Boletim Trimestral* do Banco Nacional Ultramarino (B. T. n.º 8), fez-se a descrição do território nos termos seguintes:

«Na costa norte da ilha, estranha e caprichosamente acidentada, há duas estações bem caracterizadas, uma de seca, de Maio a Setembro, outra de chuvas, de Outubro a Abril. Na costa sul existem extensas planícies junto ao mar e os acidentes do terreno vêm diminuindo seguidamente da cordilheira central para a costa, havendo duas épocas de chuvas, uma desde fins de Novembro até fins de Março e outra de Maio até fins de Julho e alguns anos até meados de Agosto. Para a costa norte têm convergido mais as atenções dos governos e dos colonos mas será para a parte do Sul que, em futuro próximo, serão chamadas as atenções de todos, pelas suas riquezas minerais e esplêndidas condições para o seu aproveitamento agrícola. O clima de Timor no litoral é depauperante como em todos os climas tropicais, mas o clima das montanhas é esplêndido e o europeu, ali melhor que em qualquer colónia, pode suportar sem prejuízo uma maior permanência sem ver diminuída a sua resistência física e a sua actividade, havendo brisas e virações que amenisam muito a temperatura e beneficiam o clima. Os grandes centros produtores agrícolas encontram-se na parte norte da ilha, embora a parte sul seja a mais própria para o estabelecimento de grandes empresas».

Segundo recente estimativa dos Serviços Provinciais de Agricultura e Florestas, a terra cultivável de Timor atinge a área de 225 000 hectares, computando os mesmos Serviços em muito mais de outro tanto o terreno existente propício à silvicultura.

Ainda, conforme cálculo daqueles Serviços, a terra plana pouco passa de metade da área cultivável, abrangendo 135 000 hectares, aproximadamente.

Está também averiguado que podem ser empregadas máquinas em cerca de 65 % do terreno arável.

Não há, pois, dúvida de que em Timor existem recursos naturais para uma exploração agrícola e pecuária extensiva, na maior parte inaproveitados, pois a exploração destes recursos, dentro dos princípios económicos da maior rentabilidade, está ainda no começo, prosseguindo com os investimentos financeiros dos Planos de Fomento, com a concessão de créditos, com estudos biológicos, dos solos e climáticos, e com o uso racional de adubos, insecticidas e fungicidas.

No vazio demográfico da Contra-Costa (costa sul), a experimentação já está cedendo o passo à extensão rural, concomitantemente com o povoamento.

Algumas obras de engenharia rural foram executadas, visando irrigações e drenagens, salientando-se o aproveitamento hidro-agrícola de Same, de feliz concepção, o mais válido empreendimento no domínio do fomento agrícola, sem esquecermos a importância e a utilidade do aproveitamento de Topo Laran, Natar Bora e o do Ué-Bérec, em começo de execução e que virá a ser o mais extenso trabalho do género até agora realizado na Província.

Estão a funcionar campos de pesquisas agronómicas e estações experimentais de agricultura, estas últimas empenhadas em seleccionar sementes e em averiguar a acção de fertilizantes, embora trabalhando ainda em escala reduzida, por carência de técnicos e também, porque a tarefa é complexa, circunstâncias que estão demorando problemas que exigem pronta solução (como, por exemplo, o da melhoria da produtividade, o de trazer mais solos para a lavoura e o do levantamento agrológico).

Timor possui uma diversidade de clima e solo que lhe dá vastas possibilidades de variada exploração agrícola. Podem considerar-se, do ponto de vista agrícola, três regiões: a da costa norte, a da costa sul e a das montanhas.

Na *costa norte,* é possível a agricultura em boas condições nos amplos vales das ribeiras (Lóis e afluentes, Gleno, Laleia e Lacló), onde se tem desenvolvido a cultura do arroz em regadio.

A relativa escassez de chuvas leva, por vezes, às culturas de sequeiro, insuficientes e fomentadoras da destruição do solo.

Nas encostas do planalto de Baucau, o arroz dá-se bem, mas a secura reduz as possibilidades do planalto de Fuiloro.

Além do arroz são também viáveis a cultura do algodão, a da cana-de-açúcar e até a do café.

Na região da *costa sul,* o regime de chuvas permite a agricultura de sequeiro. Até aos 600 metros de altitude, e excluindo uma pequena faixa costeira, toda a região tem grande interesse agrícola. A cultura do arroz pratica-se nas extensas planícies, desde Betano a Viqueque. Mas a fertilidade dos solos permite ainda uma importante agricultura alimentar, enquanto que, em muitas encostas e nas margens de certas linhas de água, se pode desenvolver a cultura do café.

Dos 600 aos 2000 metros de altitude estende-se a região agrícola *montanhosa.*

O vale do Gleno, o planalto de Aileu, Ermera e a zona de Lai Soro Lai são extremamente férteis. Cultiva-se o café em larga escala, mas toda a região é também produtora de milho, batata-doce, batata e feijão. Em certas áreas, produz-se trigo, cevada, ervilha e fava.

Toda a economia actual da população de Timor está ligada à terra e esta situação tem tendência para se prolongar por largo tempo.

Presentemente, pode considerar-se a agricultura numa fase de franca evolução, já que a passagem da agricultura do tipo extensivo (com predominância do solo) para a cultura intensiva (à base do trabalho, que não do capital) é um facto palpável que se torna necessário *amparar* e *acelerar* dentro do possível e sem ferir *excessivamente* os hábitos e as tradições das populações em causa. Isto só pode ser realizado através do ensino e da exemplificação.

II - A agricultura de Timor e a ocupação japonesa

— Quatro anos de ocupação provocaram duros estragos na vida económica de Timor. As plantações de café, produto base das exportações timorenses, ofereciam, em fins de 1945, um lastimoso aspecto. Só as plantas que se encontravam no período de máximo vigor e que possuíam muito boas condições de robustez tinham podido resistir ao abandono a que haviam sido votadas durante os anos da ocupação.

Os palmares estavam devastados. Tudo o que em Timor representava progresso material, trabalho de muitas gerações de portugueses da Metrópole e de nativos, ou foi destruído ou danificado.

A libertação da província de Timor não provocou quaisquer problemas de ordem política. Os indígenas conservaram-se fiéis à soberania portuguesa e não poucos foram os que perderam a vida em sua defesa. Mas os problemas que resultavam da destruição da pequena e débil estrutura económica de Timor exigiam uma rápida e eficiente solução que estava fora da capacidade financeira da Província.

Timor tinha carência de géneros alimentícios e de artigos de consumo imediato. Precisava repovoar as plantações e de preparar um melhor aproveitamento das suas possibilidades económicas.

Para satisfazer as necessidades de existência das populações, enviou a Metrópole à sua mais distante Província, os géneros e os artigos de que esta mais carecia. Conjuntamente, seguiram técnicos e materiais de construção para a realização das obras consideradas inadiáveis.

A agricultura foi particularmente acarinhada. A «Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho» iniciou, logo após a libertação, o repovoamento das suas plantações de café, cacau, palmares e árvores de borracha. Fomentou-se a produção de géneros ricos para a exportação — café, cacau, borracha, copra e quina —, sem se esquecer a produção dos géneros em que tradicionalmente se baseia a alimentação dos povos locais — milho, feijão, amendoim, batata, mandioca e arroz. De novo foram distribuídas sementes de trigo.

O Governo procurou fazer melhorar a técnica utilizada na colheita dos géneros de exportação e nos géneros de consumo. Tentou-se, também, levar os indígenas a compreender que as «queimadas» lhes traziam mais prejuízos do que benefícios.

Em consequência, as plantações e as lavras acusaram nos últimos anos claros indícios de melhoria. Deve ter influenciado o aumento do volume das colheitas a circunstância de ter sido elevada a proporção das terras dedicadas à cultura, quer de milho quer de arroz, em áreas recentemente trazidas para a lavoura.

III - Alguns produtos agrícolas — De 1959 a 1962, foram distribuídos 3 358 892 pés de cafèzeiros, 566 562 de coqueiros, 2 851 000 de «madre del cacau», 115 376 de seringueiras, e ainda numerosos pés de acácias, casuarinas, citrinas, sumaúmas, arequeiras, pimenteiras, nespereiras, palmeiras, cajueiros, romanzeiras, sândalo, jaqueiras, abrunheiros, pessegueiros, figueiras, ai-seria e oliveiras.

Nas colheitas de mais saliente projecção económica, dos chamados «produtos ricos», porque ainda não foram corrigidas as deficiências que se opõem ao acréscimo da produtividade e porque se ressentiram de condições climáticas desfavoráveis à frutificação, verificou-se uma considerável baixa da produção. No café, a estas condições aliou-se o declínio das cotações, com repercussões nocivas na balança comercial.

a) *café* — Representando o café mais de 50 por cento das exportações de Timor, é inegável a sua importância, embora o seu peso na balança comercial da Província apresente sérios riscos, devido às flutuações das cotações no mercado internacional. Julga-se, porém, que a alta qualidade do café, aliado ao facto de representar quantidade insignificante na produção mundial, evitará dificuldades duradoiras de colocação no mercado externo, mesmo que se verifique um considerável aumento da produção, aumento que espera conseguir-se sem detrimento de outras culturas ricas a desenvolver, susceptíveis de promoverem uma necessária e útil diversificação das exportações.

b) *copra* — A copra ocupa o segundo lugar entre as exportações de Timor, embora o seu valor represente apenas um décimo do do café. Oferecendo a Província boas condições para o desenvolvimento da cultura do coqueiro, convém expandi-la, com vista à satisfação das necessidades de consumo interno de óleo vegetal, obtido localmente, e à exportação, quer sob a forma bruta quer de óleo extraído. A copra atingiu um nível estático; apesar das centenas de coqueiros que têm sido plantados nos últimos vinte anos, a produção continua a oscilar entre um e dois milhares de toneladas, acontecendo, por virtude da variação das cotações, que a um maior volume corresponde, por vezes, um valor mais baixo do que o obtido com menor produção.

Não obstante, prevê-se para breve a plantação de 1900 ha de coqueiros, a que deverá corresponder um acréscimo de produção da ordem das 1500 toneladas. Avaliada a produção de copra em 3500 t/ano, é de admitir que lhe corresponda uma produção de cairo da ordem das 1200 toneladas.

c) borracha — A crise internacional da colheita do látex da borracha subsistiu e ampliou-se dado o aviltamento das cotações nos mercados externos (devido à concorrência dos produtos sintéticos) e por virtude do agravamento dos custos de produção. A borracha ocupa, na exportação, o terceiro lugar, depois do café e da copra. A sua boa qualidade garante, apesar da concorrência, uma fácil colocação nos mercados externos, com relevância para o de Singapura.

Nestes termos, é de prever um programa de acção tendente à melhoria dos processos de exploração e à criação de novas plantações, que se espera permita, no final do actual III Plano de Fomento, um aumento de cerca de 70 toneladas na quantidade de borracha extraída actualmente e, a mais longo prazo, um acréscimo da ordem das 600 toneladas. Prevê-se que em cada ano deste Plano sejam plantados, em média, cerca de 25 ha de novas árvores.

d) evolução comparativa da economia dos três principais produtos de exportação — Por se nos afigurar proveitoso, vejamos como têm evoluído as produções do café, da copra e da borracha desde o ano da libertação da Província, tomando como termo de comparação desse evoluir a produção registada em 1938, ano anterior ao do eclodir da guerra de 1939/45.

Para tanto, socorremo-nos dos dados publicados, naquele ano de 1938, pela antiga «Comissão Central de Estatística de Timor».

Observemos, no quadro abaixo, o estado da produção antes e depois da ocupação da Província:

Produtos	1938		1946	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Café	1 626	5 796	130	950
Copra	708	461	27	43
Borracha	40	249	169	2 868

Como se conclui deste quadro, a produção estava ainda pouco acima de zero um ano depois da Província ter sido libertada.

No que respeita à borracha, a tonelagem registada em 1946 deve, por força, incluir possíveis *stocks* salvos, em armazém quando a invasão se deu, ou acumulados, em certas plantações resguardadas, durante a ocupação estrangeira.

Para se avaliar a ascensão operada, durante as duas últimas décadas, nas três produções que mais contam na agricultura, examinemos o quadro que segue:

Produtos	1946		1966	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Café	130	950	1 496	27 828
Copra	27	43	1 209	3 566
Borracha	169	2 868	204	1 833

Conforme anotámos acima, tudo leva a crer que a maior parte da quantidade de borracha registada em 1946 não seja produção desse ano, mas, sim, proveniente de *stocks* que, de uma maneira ou de outra, se salvaram das depredações da guerra e puderam ser negociados naquela altura. Por isso, partindo deste pressuposto, não deve surpreender a diminuta diferença que se nota entre a tonelagem recolhida em 1946 e a que se obteve em 1966.

Para se surpreender, em toda a sua extensão, a gravidade da quebra da cotação da borracha, quase um afundamento, é de reparar que, enquanto que, em 1946, se venderam 169 toneladas deste produto por 2868 contos, em 1966, por 204 toneladas apenas recebemos 1833 contos. Isto significa ter havido uma quebra de 47 % no preço de cada tonelada.

É certo que os preços de 1946 são de conjuntura altista, devido à guerra da Coreia. Mas, em todo o caso, não há dúvida que a quebra é de molde a afectar profundamente a produção. Uma vez que a produtividade se mantém na mesma e os salários subiram, entretanto.

Façamos agora o confronto entre a produção de 1938 e a de 1966:

Produtos	1938		1966	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Café	1 626	5 796	1 496	27 828
Copra	708	461	1 209	3 566
Borracha	40	249	204	1 833

Foi, 1966 um mau ano para o café. Isso explica que a tonelagem obtida em 1938 se apresente mais elevada que a daquele ano. É, porém, de chamar a atenção para a diferença de valores, na verdade impressionante, mesmo entrando-se em linha de conta com a diferença do custo de vida numa e noutra época.

Efectivamente, 1496 toneladas de café valeram em 1966 mais 79,1 % do valor alcançado em 1938 para 1626 toneladas, o que dá uma alta de 61 % por tonelada.

Melhor se avalia a evolução da produção destas três culturas pelo quadro que segue, respeitante à última década.

Evolução da produção e rendimento das três principais culturas exportáveis no último decénio

Anos	Café		Copra		Borracha	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
1957	1 283	30 363	1 790	3 930	223	3 186
1958	1 687	41 275	1 751	5 026	262	3 046
1959	1 892	33 593	1 643	5 774	312	3 808
1960	1 277	19 789	1 283	4 496	306	4 221
1961	1 377	18 732	1 735	4 577	320	4 343
1962	1 839	25 496	1 437	3 987	293	3 108
1963	2 685	36 392	1 583	4 749	223	2 363
1964	2 394	43 969	1 651	4 952	240	2 590
1965	2 493	41 120	1 534	4 641	242	2 640
1966	1 496	27 828	1 209	3 566	204	1 833

No quadro que segue mostraremos a importância percentual do café no conjunto dos produtos timorenses exportáveis.

Anos	Rendimento total da Exportação	Valor do café exportado	% do valor do café em relação ao total
	Contos	Contos	
1952	47 858	39 023	81,5
1953	52 117	42 447	81,4
1954	39 008	30 643	78,6
1955	38 293	28 523	74,5
1956	40 246	30 815	76,6
1957	38 615	30 363	78,6
1958	50 860	41 275	81,2
1959	44 561	33 593	75,4
1960	29 560	19 789	66,9
1961	30 671	18 732	61,1
1962	34 662	25 496	73,6
1963	45 671	36 392	79,7
1964	53 968	43 969	81,5
1965	57 651	45 120	78,3
1966	35 416	27 828	78,6
	Percentagem média . . .		76,5

No campo da investigação do café, a «Brigada de Estudos Agronómicos da M. E. A. U.» (Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar) vem tentando obter variedades resistentes à *Hemileia vastratrix* e envidando esforços no sentido de debelar a *ferrugem,* empenhando-se também na selecção do *Híbrido de Timor,* com vista à sua reprodução, por sementes e por estacas, visto que esta planta tem dado provas de forte resistência à *Hemileia.*

No domínio tecnológico, prosseguiu a referida Missão os ensaios de adubação e as experiências de plantação de variedades de café ao sol, que do antecedente vem executando, e efectuou tratamentos fitossanitários previstos no plano dos ensaios em curso.

Utilizando sementes vindas de Angola, foram enviveiradas plantas de *Grevillea robusta,* destinadas a sombreamento e está-se observando o comportamento de oito variedades de *café arábica.*

É curioso notar, e de ponderar, que os antigos plantadores de café andam sèriamente preocupados com a perspectiva da disseminação das novas variedades em experiência, porquanto receiam que isso prejudique a excepcional qualidade, universalmente reconhecida, do *café arábica de Timor,* cujas propriedades aromáticas, disputadas para lotes com outros cafés, lhe têm garantido altos preços, de privilégio, nos mercados externos.

De igual maneira se vem avolumando a preocupação daqueles plantadores por se ter permitido o espraiamento da cafeicultura a solos calcáreos, averiguadamente impróprios para o plantio do café, resultando daí uma mescla que avilta a qualidade e vem desacreditando a sua oferta, com a consequente depreciação de valor que o aumento do volume físico da exportação não compensa.

No que concerne à assistência agrícola, os serviços oficiais já desbravaram na costa sul, com auxílio de tractores, 55 hectares de terras que destinaram a culturas de sequeiro — milho, soja, feijão frade e mandioca — e de regadio (para arroz), situando-se 26 hectares na região de Quirás e 29 na área de Nátar Bora. Estas terras, onde também foram plantados coqueiros, para obviar às contingências das culturas anuais, foram posteriormente parceladas e distribuídas por 38 agricultores nativos de Fatu Berliu.

A esta acção deve ser somada a que os mesmos Serviços exercem directamente na citada região de Quirás, onde, na 1.ª época das chuvas, cultivaram 31 hectares de milho e feijão frade e, na 2.ª, 34,5 hectares dos mesmos produtos, prosseguindo a difusão do coqueiro nas terras que vão sendo trazidas para a lavoura.

Na linha da assistência aos agricultores, foi feita a charruagem e gradagem de cerca de 111 hectares de terras tradicionalmente cultivadas, em Suai, Betano, Quirás e Nátar Bora.

Com sementes melhoradas de mais de 33 variedades, adquiridas na Austrália, Formosa e Filipinas, a Brigada de Estudos Agronómicos continuou a investigação orizícola, procedendo a experiências de adaptabilidade em

Manatuto e a trabalhos de purificação, selecção e multiplicação das variedades locais.

e) *tabaco* — Está pràticamente assegurada a produção da quantidade de tabaco necessária ao consumo interno, pelo que o seu desenvolvimento dependerá das possibilidades de colocação nos mercados externos.

f) *algodão* — Embora ainda não tenha sido lançada a cultura do algodão na Província, considera-se que ela pode ser introduzida no decurso do actual Plano de Fomento, prevendo-se que, dois anos após o seu início, se alcance uma produção de 1000 toneladas anuais.

g) *camim* — Tem-se como possível uma produção anual de cerca de 300 toneladas de camim, a serem exportadas, em bruto ou sob a forma de óleo a extrair localmente.

h) *tuaca* — Calcula-se a produção anual de tuaca em cerca de 3 milhões de litros; destina-se à obtenção de álcool.

i) *arroz* — Quanto ao arroz, a produção média dos últimos anos anda à volta das 15 000 toneladas anuais, prevendo-se que as necessidades de consumo, no final do III Plano de Fomento, atinjam níveis que ultrapassem as 25 000 toneladas.

j) *milho* — O milho constitui um dos alimentos básicos da população e, embora se possa esperar um gradual aumento de consumo de arroz, deverá intensificar-se a cultura até um nível suficiente para assegurar o abastecimento do mercado interno, que se prevê atinja, em 1973, valores superiores a 42 000 toneladas.

k) *batata-doce* — A batata-doce, cultura bastante difundida, tem uma produção que oscila em torno das 15 000 toneladas anuais. Estando calculadas em cerca de 30 000 toneladas as necessidades de consumo interno, em 1973, torna-se necessário duplicar a produção, o que se considera possível.

l) *batata* — A batata europeia é um alimento que, talvez pela escassez de produção, ainda não entrou nos hábitos alimentares da população autóctone.

m) *mandioca* — A produção actual de mandioca situa-se nas 9000 toneladas, mas, tendo em atenção as condições favoráveis do meio, os poucos cuidados que exige e as elevadas produções unitárias, julga-se possível obter produções anuais da ordem das 40 000 toneladas, o que excederá em muito as necessidades de consumo interno, calculadas para 1973. Prevê-se ainda a transformação local dos excedentes, o que leva a admitir uma possível exportação anual de cerca de 5000 toneladas de farinha de mandioca.

n) *feijão* — O feijão é alimento essencial para o equilíbrio da dieta alimentar do timorense. Prevê-se, por isso, a intensificação e o alargamento da sua cultura.

o) *trigo* — A Província está a importar anualmente mais de 1400 toneladas de farinha de trigo, num valor aproximado de 2000 contos. Para obviar a este inconveniente, e dada a existência de terrenos potencialmente aptos, a cultura do trigo deverá ser uma cultura a difundir durante o III Plano de Fomento.

p) *amendoim* — O amendoim, pelo lugar excepcional que pode vir a ocupar, quer directamente na alimentação quer na industrialização e exportação, será uma cultura merecedora de uma atenção e interesse especiais nos próximos anos. Limitando-se a produção actual a cerca de 650 toneladas, tem-se uma ideia do desnível que será necessário preencher, se se atentar em que estão calculadas em cerca de 24 000 toneladas as necessidades de consumo interno.

q) rícino — Existem na Província boas condições para cultivo do rícino, admitindo-se como possível uma produção da ordem das 300 toneladas, a exportar em bruto ou então a transformar internamente.

IV - Horticultura — A Província oferece condições óptimas para todas as variedades da cultura hortícola, estando o volume de produção condicionado apenas pela intensificação cultural e pelas possibilidades de colocação, em boas condições e com regularidade, nos mercados consumidores, dos quais se destaca o de Díli.

V - Fruticultura — Aproveitando as boas condições oferecidas por certas regiões, iniciou-se em 1966 um programa de alargamento da fruticultura, com a plantação de algumas centenas de árvores oriundas da Metrópole.

VI - Especiarias — Pimenta, canela, açafrão, papaína, etc., são outras culturas cuja produção interessa intensificar, prevendo-se que, no seu conjunto, possam vir a contribuir com cerca de 70 toneladas para a exportação.

VII - Cera — A produção e exportação de cera apresenta, até 1960, um acréscimo anual da ordem dos 50 %; o acréscimo prossegue nos anos seguintes, atingindo o seu máximo em 1962, com 160 toneladas. Cai em seguida para 28 toneladas, em 1963, ano a partir do qual retoma o nível de aumento anterior, cifrando-se no ano de 1965 em 74 toneladas a quantidade exportada. O ritmo de acréscimo posterior a 1962 faz antever, porém, um bom futuro para esta produção.

VIII - Quadro comparativo da evolução das produções de alguns géneros agrícolas (em toneladas)

Produtos	1964	1965	1966
Cereais:			
Arroz com casca	12 696	9 536	11 764
Milho	15 362	6 915	15 640
Tubérculos e raízes:			
Batata doce	14 528	13 451	13 439
Mandioca	9 329	9 474	14 723
Legumes secos — feijão	1 338	1 836	2 178
Oleaginosas:			
Copra	1.617	2 466	1 210
Amendoim descascado	×	275	443
Borracha	×	246	510
Café	2 378	2 806	2 088
Tabaco	×	115	102

(×) Ignorado.

IX - Pecuária — Em relação à sua exígua superfície, Timor dispõe de um armentio notável: em 1965, havia 815 459 cabeças de gado, ou seja, uma densidade de 54,63 por quilómetro quadrado.

Em geral, os animais são de pequeno porte e criados em regime de liberdade, notando-se por vezes a falta de pastagens. De facto, nem sempre têm resultado as tentativas de introdução de raças ou reprodutores seleccionados, mas é notório e de grande alcance o trabalho de auxílio aos criadores, principalmente quanto à vacinação e distribuição de animais escolhidos. É notável, neste campo, a acção da «Estação Zootécnica de Ossú».

Para melhoria do efectivo pecuário da Província estabeleceram-se Centros Experimentais de criação de gado balinês em Same e Lospalos. Com vista à produção de leite, está sendo estudado, em Lospalos, a 394 metros de altitude, o comportamento de gado «Jersey», importado da Austrália, num núcleo constituído por 26 vacas, 10 novilhas, 21 vitelas, 2 touros, 6 novilhos e 25 vitelos.

Incluindo as juntas de bois domesticados que os Serviços de Veterinária forneceram aos agricultores, para o trabalho agrícola, foram distribuídos, ao abrigo do que dispõe a Portaria n.º 3271, de 8/2/1964, os seguintes efectivos:

	Machos	Fêmeas
Gado balinês	31	—
Gado para trabalho	50	—
Gado leiteiro	2	14

Evolução comparativa do gado arrolado (cabeças), no período de 1963 a 1966

Espécies	1963	1964	1965	1966
Cavalar	94 396	102 396	105 845	99 381
Bovino	36 213	43 138	51 434	44 212
Bufalino	119 865	123 310	124 301	117 453
Ovino	47 760	59 291	57 271	54 005
Caprino	226 650	251 118	250 925	210 663
Suíno	225 257	231 671	225 683	177 774
Total . . .	750 141	810 924	815 459	703 488

Gado abatido nos matadouros municipais (1)

Espécies		1963	1964	1965	1966
Bovino	cabeças	1 666	1 002	1 113	1 332
	toneladas	×	100	111	133
Bufalino	cabeças	2 256	2 505	2 515	2 682
	toneladas	×	251	252	269
Ovino	cabeças	77	619	1 109	887
	toneladas	×	6	11	9
Caprino	cabeças	2 746	3 991	4 897	4 139
	toneladas	×	40	49	41
Suíno	cabeças	4 021	4 519	4 575	4 626
	toneladas	×	181	183	185
Totais	cabeças	10 766	12 636	14 209	13 666
	toneladas	×	578	606	637

---

(1) O abate registado nos quatro anos em evidência é insignificante para consumo de cerca de 500 000 habitantes, mas há que ter em atenção que o número de cabeças abatidas entre a massa da população rural não está incluída no quadro acima.

(×) Ignorado.

x - Silvicultura e florestas — De um modo geral, os grupos florestais do Timor português podem classificar-se segundo os tipos: *floresta do litoral, mangal, floresta primária mista, floresta secundária* e *savana*. Esta é a classificação sumária do Eng. Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes no seu livro «Reconhecimento preliminar das formações florestais no Timor português» (Lisboa, 1950); está de acordo, aliás, com a ordenação seguida pelo prof. Elmer D. Merril na sua obra «Plant life of the Pacific Ocean».

a) floresta do litoral — Na orla litoral da Índia, da Indochina e da península da Malásia, ao longo das praias e costas das ilhas do arquipélago malaio, Filipinas, Nova Guiné e outras, das vastas extensões do Pacífico, encontram-se, em grande quantidade, várias espécies que, por sua natureza e modo de agrupamento, constituem um tipo definido de vegetação.

Comparada com a vegetação das zonas do interior, a vegetação do litoral não se complica, nem adquire a densidade comum a certos vales e margens de cursos de água. A sua flora é pobre, relativamente, em géneros e espécies.

A proximidade do mar, os cursos de água invadidos pela maré e as toalhas de água superficiais, condicionam um meio halófito onde quase só as espécie do mangal se podem desenvolver naturalmente. Exceptuadas as Casuarinas (*Casuarina equisetifolia*), são raras as espécies que se encontram formando povoamentos puros.

Em Timor, a área fitogeográfica considerada não difere florìsticamente da correspondente nas restantes ilhas do arquipélago.

As espécies dominantes enquadram-se nos povoamentos, podendo esboçar-se através de duas ou três imagens paisagísticas os vários tipos fisionómicos, de acordo com a sua exuberância e composição. Estes estão condicionados à precipitação e grau de humidade atmosféricas. Na costa sul, onde se verificam duas épocas de chuva, com um mínimo de tempo seco não superior a três meses, a vegetação do litoral atinge o seu apogeu, já pela quantidade de espécies que a compõem, já pela densidade dos seus agrupamentos. A formação *Calophyllum, Hernandia, Heritiera, Cerbera, Terminalia, Barringtonia*, etc., debruça-se em rolos de verdura sobre as praias cobertas, em parte, pela consociação *Spinifex littoreus-Ipomoea pes-caprae*. Noutros locais, porém, as extensões arenosas são marginadas por faixas estreitas de *Casuarina*, a que se associam, aqui e ali, vários exemplares de *Pandanus*. Ainda, por vezes, quando as praias arenosas dão lugar a terraços coralíferos, uma fiada de *Hibiscus tiliaceus* ou *Thespesia populnea* separa os terrenos desprovidos de vegetação daqueles onde o complexo florístico atinge, não raramente, o aspecto de floresta mista típica. Na proximidade dos pequenos ribeiros, encontram-se, de vez em quando, parcelas completamente revestidas por palmeiras do género *Corypha (C. utan)* nos solos mais alagadiços, e do género *Borassus (B. flabellifer)* nos mais secos, sendo indício da presença do Homem e das suas actividades as plantações de *Cocos nucifera*, que à beira-mar inclinam os seus troncos e reproduzem a paisagem clássica das ilhas dos mares do Sul.

Qualquer destes aspectos se observa ao longo da costa sul, podendo confirmar-se em toda a região que vai de Bê-Açu, no concelho de Viqueque, Aliambata, até à ponta leste da ilha, em frente do ilheu Jaco.

Na costa norte, com regimes de chuva sujeitos à influência das monções e um período seco de 5 a 6 meses, no máximo, a vegetação do litoral sofre na sua complexidade e pujança. Dos vales abrigados às arribas abruptas, passando pelos relevos das colinas e outros acidentes da costa (tais como as embocaduras das ribeiras e regiões pantanosas não ocupadas pelo mangal), esta vegetação ora se aproxima do seu aspecto normal, ora desaparece completamente, dando lugar a revestimentos de gramíneas, invadidos aqui e ali por exemplares pioneiros da savana e da floresta secundária, tais como *Eucalyptus alba, Zizyphus mauritiana* e *Tamarindus indica*, e ainda indicadores de climas secos, tais como espécies de *Opuntia, Aloes* e *Euphorbia*.

b) *mangal* — No mundo das plantas superiores, o mangal apresenta-se com o carácter distintivo de um paradoxo. A impressão causada por um arvoredo que se levanta da superfície do mar aumenta consideràvelmente quando nos apercebemos que as componentes da formação se adaptaram biològicamente a um *habitat* muito definido: litoral marítimo, dentro dos limites influenciados pelas águas salgadas ou salobras, não podendo desenvolver-se em qualquer outro.

Em Timor, a floresta do mangal ocupa uma área muito reduzida devido à configuração das zonas costeiras. Ao contrário das restantes ilhas do arquipélago, Timor não possui recortes acentuados. O mar é muito batido, principalmente na costa sul, e os cursos de água não se resolvem em estuários dilatados. Daí, não se reunirem as condições topográficas necessárias ao desenvolvimento do mangal, que procura sempre as enseadas, baías e outros recortes da costa onde as águas do mar tomam um aspecto de relativa tranquilidade. É na costa norte que os arvoredos característicos ocupam áreas mais extensas, como em Metinaro, Tibar e Maubara. Na costa sul, reduzem a sua área de expansão à foz das ribeiras ou aos terrenos alagadiços e pantanosos. Podem, além disso, ser constituídos por uma só espécie, ao contrário do que sucede com a maior parte das formações ocorrentes nos trópicos.

As espécies componentes das várias associações da formação, distribuem-se regularmente em linhas paralelas ao litoral ou às margens das ribeiras atingidas pelas marés.

Como guardas avançadas, aparecem primeiro, no horizonte do mar, grupos isolados de *Rhizophora (R. conjugata)* que, à medida que nos aproximamos da costa, se reúnem em maciços arbóreos de largura variável. Na linha imediata, geralmente associados às primeiras, aparecem povoamentos de *Sonneratia (Sonneratia alba)* e de *Bruguiera (Bruguiera sp.)*, conforme a natureza dos terrenos em que vegetam. As zonas interiores, inundadas, simultâneamente, pelas águas pluviais e pelas marés, são povoadas por maciços gregários de *Avicennia marina* e por representantes secundários de *Rhizophora* e outras espécies em regime misto, tais como: *Excoecaria Agallocha, Aegiceras corniculatum, Lumnitzera racemosa, Xylocarpus granatum, Heritiera littoralis, Acanthus ilicifolius, Caesalpinia sp., Dolichandrone spathacea* e *Melaleuca Leucadendron*, sendo estas duas últimas pertencentes, respectivamente, à formação da floresta primária das zonas baixas e à floresta secundária correspondente. A floresta primária do mangal é, sobretudo, uma ilusão para o botânico que chega pela primeira vez aos trópicos. Para o industrial, porém, é uma fonte de riqueza. A madeira das árvores é de óptima qualidade, e da casca extraem-se substâncias taninosas de alto valor.

c) *floresta primária* — Por floresta primária entende-se aquela em que os arvoredos de origem permaneceram, desde tempos remotos, com mais ou menos estabilidade. Na região do arquipélago, estas florestas ocupam áreas muito extensas, sendo complexo o número de géneros e espécies que as compõem. Os elementos constituintes variam, além disso, com as condições de clima e solo, formando-se, por este motivo, vários tipos florestais.

A descrição de uma floresta primária das zonas baixas difere, portanto, de região para região, ao contrário do que sucede com os povoamentos florestais do litoral ou do mangal, mais ou menos uniformes em todo o arquipélago.

A floresta primária de Timor está bastante reduzida, por motivos que são fáceis de avaliar: as queimadas e a ocupação agrícola, somadas à diversidade climática e à estrutura sedimentar das rochas. Os tipos representativos definem-se pelas zonas climáticas e pela localização. Podem enumerar-se em cinco tipos as florestas primárias de Timor, a saber: mangal, formações do litoral, das zonas baixas, das zonas médias e de montanha. O mangal e a floresta do litoral foram já tratados em rubrica à parte, por constituirem tipos muito definidos, sem grande variabilidade florística e fisionómica. A terceira e a quarta subdividem-se, por sua vez, em floresta de chuva ou sempre-verde e floresta das monções ou decídua, de acordo com as comunidades a que pertencem.

A floresta sempre-verde tem como dominantes as espécies dos géneros *Eugenia, Intsia, Elaeocarpus, Canarium, Dysoxylum, Ficus, Litsea, Sarcocephalus, Terminalia, Parinarium, Pometia,* etc. Se na definição inicial de floresta primária considerarmos apenas o estádio final da sucessão ou clímax, independentemente do centro de difusão dos géneros, teremos que incluir na floresta de folha perene as vastas manchas de *Eucalyptus Decaisneana,* espécie endémica que, a partir de 800 metros, cobre quase todas as elevações de Timor.

A floresta das monções é inteiramente dominada pelos géneros *Schleichera (S. oleosa)* e *Pterocarpus,* a que se associam espécies dos géneros *Acacia, Vitex, Corypha, Pterospermum, Wrigthia, Sterculia, Zizyphus, Bauhinia,* etc.

A floresta de montanha está incluída no tipo sempre-verde, e afirma-se pela presença de *Podocarpus (P. imbricata), Casuarina (C. Junghuniana), Pygeum, Vaccinium, Palaquium, Planchonella,* etc., além do eucalipto mencionado.

Na sua forma ecológica mais perfeita, como aparece em certas regiões da costa sul, especialmente a sudeste, onde o clima «tropical de savana» e o microclima «tropical de chuva mais ou menos permanente» (floresta de chuva) predominam, a floresta sempre-verde das zonas baixas é um organismo cujos limites se definem pela cobertura, pelo solo em que vegeta e pela orla.

d) floresta secundária e savana — A presença do Homem determina, quase sempre, uma modificação mais ou menos profunda no manto vegetal e muito especialmente no estrato arbóreo. Quando essa influência se manifesta de modo contínuo e persistente através das queimadas, do pastoreio, da penetração agrícola e da derrubada, a floresta primária cede o passo a outro tipo de vegetação,, denominado floresta secundária, constituída, em geral, por géneros e espécies diferentes. O Homem actua, assim, como agente na criação de um novo *habitat,* cujo carácter determinativo se traduz pela instabilidade fisionómica específica.

O tipo mais vulgar de agricultura nestas regiões resume-se no expediente simplicíssimo de abater as árvores e de lançar fogo ao material lenhoso assim obtido. Uma vez clareado o terreno, as plantações e sementeiras vão-se sucedendo por um espaço de tempo, que não ultrapassa, em geral, meia dúzia de anos. Nessa altura, o agricultor indígena é forçado a procurar outra área florestal e a repetir as operações anteriormente descritas. Os terrenos abandonados revestem-se ràpidamente de vegetação que, segundo os locais, pode assumir três aspectos: ou se recobrem inteiramente de gramíneas robustecidas com poderosos sistemas radiculares, ou se inçam aqui e ali com tufos de bambu, deixando aos tratos mais degradados o povoamento das casuarinas e do eucalipto *(E. alba)*; este terceiro aspecto é o da floresta secundária pròpriamente dita, formada por povoamentos densos de arbustos e pequenas árvores, e de alguns representantes da floresta clímax originária. A este tipo se pode aplicar com propriedade o denominativo inglês de *jungle*; o conjunto é de difícil penetração, determinando a maior ou menor densidade do povoamento o aparecimento de espécies herbáceas que nas florestas primárias subsistem com dificuldade.

Nas clareiras abertas recentemente no manto florestal primário, começa por aparecer certo número de espécies pertencentes aos géneros *Trema, Macaranga, Mallotus, Homalanthus.*

Nas áreas de rejuvenescimento mais adiantado, encontram-se representantes de outros géneros, como, por exemplo, *Litsea, Premna, Vitex, Cordia, Pterospermum, Kleinhovia, Melochia, Sterculia. Aleurites moluccana* é muito frequente e por vezes dominante em pequenos bosques, assim como *Jatropha Curcas,* espécie exótica que se encontra habitualmente em terrenos que foram cultivados.

À medida que a floresta se aproxima da maturidade, o número de espécies arbustivas, trepadeiras e arbóreas, aumenta consideràvelmente e o conjunto torna-se assaz complexo.

Nas regiões influenciadas pela acção administrativa e comercial, encontram-se várias espécies introduzidas desde longa data, de entre as quais citaremos como mais frequentes *Psidium Guajava, Acacia Farnesiana, Ceiba pentandra, Sesbania grandiflora, Leucoena glauca* e *Lantana Camara.* As últimas duas, sobretudo, tendem a formar extensos povoamentos e a invadir qualquer espaço descoberto.

Na costa norte, onde as precipitações são muito atenuadas durante a estação seca, tanto a floresta primária como a secundária tomam muitas vezes o aspecto de parque artificial, com as árvores espaçadas quase regularmente. As florestas-parque de *Tamarindus indica, Zizyphus mauritiana, Acacia leucophloea, Timonius sericeus, Dillenia pentagyna* e *Eucalyptus alba,* em regra constituídas por povoamentos puros, dão um aspecto ordenado à paisagem. Outras relacionam, não só pela fisionomia como ainda pelas espécies pouco correntes, certas partes de Timor com o continente australiano: as espinhosas multiplicam-se e a preponderância de espécies de *Acacia* e *Albizzia* transformam os povoamentos mistos em povoamentos puros *(Acacia oraria).* É neste meio de transição, em que as charnecas arbustivas substituem, pouco a pouco, os maciços arborescentes, que o sândalo *(Santalum album)* (¹) encontra as melhores condições de desenvolvimento.

Nas áreas que sofreram grandes devastações e onde os terrenos entraram francamente no último grau de degradação, proliferam as Casuarinas. Nas regiões planálticas, subsiste, por toda a parte, um tipo de formação característico, composto por manchas de floresta entremeadas por extensas pradarias. Nas regiões acidentadas, aquelas refugiam-se nos barrancos e junto dos cursos de água. A vegetação herbácea ocupa principalmente os declives mais suaves, onde não é raro encontrarem-se, dispersos, alguns exemplares de árvores, com um porte regular (savana em bastidor).

A transição para a savana faz-se, assim, progressivamente e adquire aspectos muito variados. Onde os incêndios se manifestaram de forma contínua e persistente, encontra-se a savana-prado, composta por extenso revestimento de *Imperata cylindrica, Saccharum spontaneum, Themeda quadrivalvis* e outras gramíneas. Nas savanas-parque, são mais frequentes os revestimentos de *Panicum brevifolium, Cynodon Dactylon, Eragrostis tenella* e *Eleusine indica,* sendo característica nas zonas mais secas e declivosas a gramínea *Coix Lacryma-Jobi,* de distribuição pantropical.

As árvores dominantes da savana são, nos terrenos do litoral, *Borassus flabellifer, Eucalyptus alba, Zizyphus mauritiana* e *Dichrostachys cinerea,* aparecendo *Acacia leucophloea* nos terrenos mais elevados, de constituição calcárea.

(¹) Os escritores antigos distinguiam «três maneiras» de sândalo, das quais duas delas — o branco e o citrino — não passam de ser o lenho de uma mesma espécie, cortado em regiões ou idade diferentes do tronco. O «citrino», mais carregado em cor, pesado e aromático, é simplesmente o cerne perfeito de alguns troncos. Estas «duas maneiras» correspondem exactamente à espécie *Santalum album* — «e mais ambas as maneiras têm as árvores semelhantes» (colóquio de Garcia da Orta) —, sendo de notar desde já, como factor importante a considerar na coloração do lenho, o grau de exposição aos raios solares.

A «terceira maneira», mais conhecida pelo nome de «sândalo vermelho», pertence à família das leguminosas e à espécie *Pterocarpus santalinus,* oriunda da Índia e, possìvelmente, ocorrente em Timor.

Distingue-se também um outro tipo de savana, composta por *Opuntia sp.*, *Euphorbia sp.* e *Aloes sp.*, que refere a vegetação a um clima muito seco.

Os inventários realizados na costa norte, desde os arredores de Díli (ponta de Fatu-Cama) a Metinaro, Fatu Hili-Manu e Manatuto, exemplificam com a maior precisão os estados sucessivos de evolução regressiva mencionados anteriormente.

Em Timor, os mantos florestais de importância são reduzidos, não chegando nunca a atingir a densidade e abundância características das ilhas do arco Samatra-Java-Flores-Molucas-Nova Guiné. Este facto é resultante, sobretudo, do regime climático, da constituição geológica da ilha e, também, dos estragos provenientes da ocupação humana: queimadas e derrubas.

Excluída a área da ilha de Ataúro, cerca de 13 125 ha, a superfície total da possessão portuguesa abrange 18 986 875 ha. De acordo com o mapa-esboço da ilha, as formações florestais, as zonas erosionadas e outras (lago Suro-Bec), ocupam aproximadamente as seguintes áreas (em hectares):

Mangal	7 437,5
Floresta primária mista	214 125,0
Floresta secundária	18 482 875,0
Savanas e pastagens	264 625,0
Zonas erosionadas não especificadas .	16 125,0
Lago Suro-Bec, lagoa de Maubara, etc.	1 687,5
Total . . .	18 986 875,0

e) silvicultura — Tem prosseguido o revestimento florestal de zonas afectadas pelo desbaste; no entanto, pouco tem sido realizado no aspecto do plantio de árvores como barreira contra a erosão, plantio que o *facies* orográfico da Província requer com urgência; urgente é também uma reconversão agrária de zonas esgotadas por culturas itinerantes e cujo tapete vegetal é vulnerável à escorrência das chuvas.

No prosseguimento do esforço de fomento florestal, por zonas, foram estabelecidas, em Loré e Tilomar, «reservas» que virão a abranger áreas da ordem dos 10 000 ha. Em Loré e Lospalos, foram abertas 13 905 covas destinadas a povoamentos de teca, por sementeira e plantação. Em Quirás, foram povoados com teca 12 ha de terreno.

Visando a protecção das reservas florestais e a sua revalorização, quer por via da regeneração natural quer pelo repovoamento artificial, foram encetados trabalhos de reconhecimento e prospecção.

A defesa do sândalo, encontradiço em certas «manchas», está a ser objecto de cuidados especiais e de estudo para o qual foram colhidos, na região de Tilomar, dados sobre 300 árvores de diferente porte.

XI - Pesca — No que se refere a espécies com maior ocorrência nas águas de Timor, indicam-se o tubarão, a corvina, o atum, a albacora, o bonito, a garoupa, o peixe-serra, a sarda, a cavala, a sardinha, o salmonete, o linguado e a pescada, além de outros peixes de pequeno porte.

Os crustáceos — lagosta, camarão, caranguejo e sapateira — e os moluscos, com particular relevância para as ostras, completam o quadro geral das espécies mais frequentes. Nas ribeiras, desde a nascente até à foz, abundam os camarões e as enguias.

As águas timorenses estão incluídas na área de alta produtividade biológica, pelo que há razões para se crer que a Província dispõe de grandes potencialidades piscatórias, ainda não aproveitadas.

A actividade da pesca é desenvolvida pelos autóctones mediante a utilização de processos muito rudimentares, como rudimentares são as embarcações e os aparelhos que utilizam na sua faina.

Cerca de meio milhar de nativos dedica-se à pesca, cujo produto se destina ao consumo interno. Junto à costa, os pescadores usam principalmente dois tipos de barcos, o «beiro» e o «pró», ambos escavados em troncos de *ai-seria* (mogno). O «pró» é equipado com flutuadores de bambu.

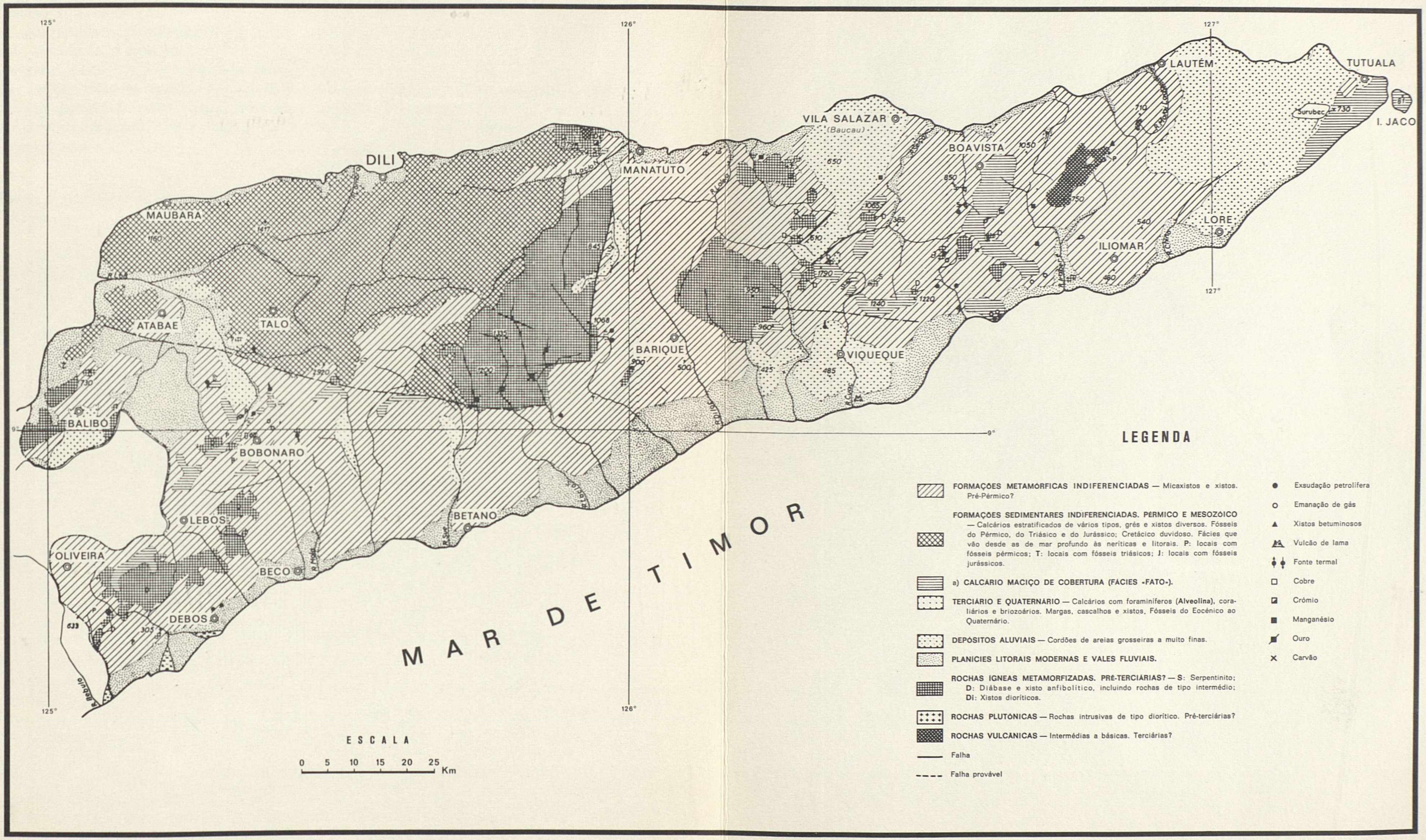
Têm-se ùltimamente adquirido motores fora-de-borda e sobressalentes e materiais

TIMOR

ESBOÇO GEOLÓGICO

TIMOR PORTUGUÊS

ESBOÇO GEOLÓGICO


125°
126°
127°
9°
DILI
MAUBARA
ATABAE
TALO
BALIBÓ
BOBONARO
LEBOS
OLIVEIRA
BECO
DEBOS
BETANO
BARIQUE
MANATUTO
VILA SALAZAR
(Baucau)
VIQUEQUE
BOAVISTA
ILIOMAR
LORE
LAUTÉM
TUTUALA
Surubec
I. JACO
MAR DE TIMOR
R. Bebulo
R. Loclo
R. Cuha
ESCALA
0 5 10 15 20 25 Km

LEGENDA

▨ **FORMAÇÕES METAMÓRFICAS INDIFERENCIADAS** — Micaxistos e xistos. Pré-Pérmico?

▩ **FORMAÇÕES SEDIMENTARES INDIFERENCIADAS. PÉRMICO E MESOZÓICO** — Calcários estratificados de vários tipos, grés e xistos diversos. Fósseis do Pérmico, do Triásico e do Jurássico; Cretácico duvidoso. Fácies que vão desde as de mar profundo às neríticas e litorais. **P**: locais com fósseis pérmicos; **T**: locais com fósseis triásicos; **J**: locais com fósseis jurássicos.

▤ a) **CALCÁRIO MACIÇO DE COBERTURA (FÁCIES «FATO»).**

⁘ **TERCIÁRIO E QUATERNÁRIO** — Calcários com foraminíferos (**Alveolina**), coraliários e briozoários. Margas, cascalhos e xistos. Fósseis do Eocénico ao Quaternário.

⁘ **DEPÓSITOS ALUVIAIS** — Cordões de areias grosseiras a muito finas.

░ **PLANICIES LITORAIS MODERNAS E VALES FLUVIAIS.**

▦ **ROCHAS IGNEAS METAMORFIZADAS. PRÉ-TERCIÁRIAS?** — **S**: Serpentinito; **D**: Diábase e xisto anfibolítico, incluindo rochas de tipo intermédio; **Di**: Xistos dioríticos.

⁜ **ROCHAS PLUTÓNICAS** — Rochas intrusivas de tipo diorítico. Pré-terciárias?

▓ **ROCHAS VULCÂNICAS** — Intermédias a básicas. Terciárias?

— Falha

---- Falha provável

● Exsudação petrolífera

○ Emanação de gás

▲ Xistos betuminosos

⛰ Vulcão de lama

⧫ ⧫ Fonte termal

□ Cobre

◪ Crómio

■ Manganésio

◢ Ouro

× Carvão

(Segundo os reconhecimentos da «Allied Mining Corporation, Limited», 1937)

JOSÉ MOURÃO, des.

para a confecção de redes, tudo destinado ao fomento da pesca. Iniciou-se a construção de barcos do tipo «catamaran» para aplicação dos motores fora-de-borda.

Está projectada a regularização do abastecimento do mercado interno.

Os centros piscatórios localizam-se todos na costa norte, onde, de modo geral, as condições de tempo são favoráveis durante todo o ano. O produto da pesca é normalmente consumido em fresco.

XII - Minerais e indústria extractiva — O subsolo de Timor, embora rico, parece não ter concentrações que justifiquem a exploração intensiva de nenhum dos *minérios* que contém. Embora se encontrem ainda insuficientemente conhecidas as suas potencialidades, regista-se a existência de jazigos de minérios de manganés, cobre, chumbo, cromo e ouro, ainda não exploráveis pela grande indústria. Com efeito, os resultados das pesquisas mineiras efectuadas pela «Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Lda.», são pouco animadores no que se refere às possibilidades económicas de se estabelecerem explorações mineiras para fins industriais. Não se exclui, no entanto, a possibilidade de se virem a efectuar pequenas explorações a céu aberto sobre certas ocorrências de minério de manganés, de potencialidades reduzidas mas de excelente composição. Pretende-se tirar partido da boa qualidade do minério e nunca da produção de tonelagens elevadas, ou mesmo médias, impossíveis de conseguir. Das várias zonas da Província mineralizadas pelo manganés, individualizam-se como susceptíveis de uma exploração económica do tipo referido, as de Vemasse, Seiçal e Laivai, cujas amostras recolhidas apresentaram um teor de minério que varia entre os 52,64 e 58,58 por cento.

Certas ocorrências de cobre foram igualmente pesquisadas e estudadas com particular relevo para as zonas de Manolede e de Ossú, onde foram detectados «blocos soltos, quase maciços, de óxidos de ferro e cobre, alguns deles com dimensões impressionantes da ordem de 1 m^3».

No intuito de se avaliar das possibilidades de exploração de crómio, foram recolhidas amostras na zona de Subão Grande, não se conhecendo ainda os resultados das análises; ainda que possam revelar tratar-se de um minério de boa composição, torna-se como problemático o sucesso de qualquer prospecção que se venha a realizar naquela zona com vista à cromite, dado que a área de afloramento parece bastante reduzida para que seja de esperar a existência de jazigos importantes de crómio.

Por outro lado, inúmeras emanações sulfurosas na Província levaram a supor a existência de petróleo econòmicamente explorável. Com este objectivo e ao abrigo de contrato superiormente sancionado, vem operando em Timor desde 1957 uma empresa australiana, a «Timor Oil», à qual foi concedida a pesquisa de petróleo na Província. Entretanto, sobre a existência de petróleo em quantidade e qualidade que justifique a exploração económica daquele produto, sabe-se apenas que, por iniciativa das administrações dos concelhos de Cova-Lima e de Manatuto, se produz nas regiões de Suai e de Pualáca, por processos muito rudimentares, gasolina, gasóleo e petróleo de iluminação em quantidade suficiente para prover a parte das necessidades do consumo daqueles concelhos e que iguais ocorrências se manifestam em outros pontos ao longo da costa sul da Província. Em 27 de Novembro de 1967, o Decreto n.º 48 077 autorizou o Ministro do Ultramar a celebrar um contrato de concessão com a «Companhia dos Petróleos de Timor, S. A. R. L.», abrangendo o direito de prospectar, pesquisar, desenvolver e explorar, em regime de exclusivo, todos os jazigos de hidrocarbonetos sólidos, líquidos e gasosos, particularmente petróleo bruto, ozocerite, asfalto e gás natural, assim como enxofre, hélio, dióxido de carbono, outros gases naturais e substâncias salinas de Timor.

Prevêem-se ainda estudos de pedreiras de mármores e outros materiais e a reorganização da indústria de fabrico de cal.

4 — INDÚSTRIAS TRANSFORMADORAS

Embora sendo certo que o relativamente baixo poder de compra da população e a deficiente rede de transportes têm dificultado, em parte considerável, a montagem de indústrias transformadoras, a verdade é que os mais poderosos obstáculos que se interpõem ao arranque e desenvolvimento deste sector consistem na fraca capacidade de iniciativa privada e, sobretudo, na incapacidade que o sector agrícola tem revelado para atingir níveis de produção que possam garantir o abastecimento de possíveis indústrias transformadoras

As actividades industriais em Timor são ainda reduzidas. Há, é certo, a contar com um artesanato local, que compreende a tecelagem dos conhecidos panos de Timor, a ourivesaria, trabalhos de madeira, cerâmica, fabrico rudimentar de sal, etc.; mas trata-se de actividades dispersas, sem grande projecção económica.

Também para consumo interno, fabricam-se tijolos e telhas. A cerâmica de Manatuto, propriedade da Comissão Municipal, é a que dispõe dos melhores barros da Província, segundo informação prestada pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil sobre amostras enviadas pelo Governo de Timor em 1964; a sua capacidade de produção pode atingir os 5000 tijolos diários, estando actualmente a ser solicitada em números superiores à sua produção.

Há algumas serrações que preparam os madeiramentos para as construções. Menciona-se ainda a extracção de óleos vegetais, a destilaria, o fabrico de sabão, e referem-se as pequenas unidades fabris, de refrigerantes, tabaco, álcool, para o descasque de arroz e para o tratamento do café.

5 — COMÉRCIO EXTERNO

Constituem características fundamentais do comércio externo da Província a forte dependência do sector primário e a fraca projecção das exportações, traduzidas por uma balança comercial normalmente deficitária.

A partir de 1960 — ano em que mais baixaram, tanto as importações como as exportações — registou-se uma progressão gradual do comércio externo.

No quadro seguinte, comparam-se as importações de 1958 a 1966:

	1958		1959		1960	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Totais . . .	6 004	77 997	7 479	57 314	8 753	67 924
Fios, tecidos e obras	303	17 044	319	14 772	310	16 698
Bebidas (a)	285	2 667	439	3 602	305	2 600
Automóveis	53	2 006	48	2 358	82	3 365
Gasóleo e gasolina	1 134	3 368	952	2 664	941	2 496
Ferro ou aço	328	2 011	583	4 675	733	4 156
Cimentos	1 580	1 703	3 220	2 598	3 747	2 782
Petróleo	298	923	368	1 090	433	1 228
Tabaco	32	1 844	11	1 117	14	1 488
Farinha de trigo	508	1 877	411	1 413	473	1 624
Açúcar	260	1 312	320	1 564	269	1 255
Alfaias e máquinas (agrícolas e industriais)	247	11 199	35	2 066	271	5 946
Acessórios de viaturas automóveis	11	1 243	12	1 255	8	597
Pneus e câmaras	5	275	9	414	24	1 108
Zinco	—	—	—	—	—	—
Calçado	8	688	14	795	11	750
Outros	952	29 837	738	16 931	1 132	21 831

(a) As bebidas incluem: vinhos, aguardentes, cervejas e bebidas gasosas.

	1961		1962		1963	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Totais	**8 968**	**73 917**	**8 948**	**78 238**	**11 543**	**75 819**
Fios, tecidos e obras	317	14 445	440	19 782	383	19 876
Bebidas (ᵃ)	439	3 451	434	3 819	1 032	6 201
Automóveis	66	2 926	50	2 466	24	1 505
Gasóleo e gasolina	1 042	2 911	1 591	4 058	1 315	3 441
Ferro ou aço	263	2 124	407	2 199	368	2 623
Cimentos	3 482	2 680	2 448	1 667	3 691	2 437
Petróleo	357	1 022	495	1 405	1 067	2 360
Tabaco	19	1 746	18	1 710	21	2 293
Farinha de trigo	543	1 823	706	2 441	892	2 218
Açúcar	337	1 592	369	1 553	262	1 452
Alfaias e máquinas (agrícolas e industriais)	36	1 911	527	15 914	21	1 438
Acessórios de viaturas automóveis	24	1 836	24	2 179	17	1 061
Pneus e câmaras	16	700	9	471	28	1 210
Zinco	103	743	193	1 102	173	1 019
Calçado	10	584	16	964	17	997
Outros	1 914	33 423	1 221	16 508	2 232	25 688

(ᵃ) As bebidas incluem: vinhos, aguardentes, cervejas e bebidas gasosas.

	1964		1965		1966	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Totais	**11 173**	**88 864**	**11 324**	**113 182**	**17 516**	**141 468**
Fios, tecidos e obras	452	22 718	517	24 095	×	×
Bebidas (ᵃ)	502	6 187	732	6 871	×	×
Automóveis	36	1 747	30	1 152	140	6 004
Gasóleo e gasolina	1 466	2 684	1 020	2 531	2 070	5 871
Ferro ou aço	414	3 497	416	3 856	×	×
Cimentos	2 525	1 652	3 869	2 732	7 524	5 722
Petróleo	923	1 684	456	1 386	634	2 007
Tabaco	17	1 615	39	3 947	56	4 504
Farinha de trigo	1 526	3 614	1 119	3 919	1 099	4 603
Açúcar	289	1 298	512	2 822	839	3 859
Alfaias e máquinas (agrícolas e industriais)	22	669	12	626	×	×
Acessórios de viaturas automóveis	6	903	92	5 615	×	×
Pneus e câmaras	19	904	22	1 296	70	4 596
Zinco	256	1 968	140	779	×	×
Calçado	24	1 485	30	2 113	×	×
Outros	2 696	36 239	2 318	49 442	×	×

(ᵃ) As bebidas incluem: vinhos, aguardentes, cervejas e bebidas gasosas.

(×) Ignorado.

No quadro das exportações, nota-se a quebra sofrida pelo preço do café. No período de 1958-1965 este produto representou, em média, em relação às exportações totais, cerca de 73 por cento, seguindo-se a copra, com 12 por cento, a borracha, com 8,4 por cento, a cera, com 2,1 por cento, e por fim o camim, com 0,5 por cento.

Aos anos de menor contribuição de café — 1960 e 1961 — correspondeu uma maior participação da copra e da borracha, a primeira com 14,3 e 13,8 por cento e a segunda com 13,6 e 13,1 por cento, respectivamente, como consta do quadro seguinte:

	1958		1959		1960	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Totais . . .	**4 012**	**52 165**	**4 162**	**45 666**	**3 228**	**30 651**
Café	1 687	41 275	1 929	34 203	1 246	19 678
Copra	1 751	5 026	1 618	5 778	1 283	4 496
Borracha	262	3 046	311	3 790	306	4 221
Cera	17	400	29	634	34	675
Camim	178	313	185	279	176	172
Cacau	13	185	9	119	8	117
Conchas e búzios	22	381	10	146	1	13
Outros	82	1 539	71	717	174	1 279

	1961		1962		1963	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Totais . . .	**4 919**	**33 249**	**4 600**	**36 212**	**5 438**	**45 289**
Café	1 499	19 714	1 893	26 406	2 445	35 314
Copra	1 716	4 563	1 383	3 987	1 587	4 752
Borracha	338	4 343	296	3 138	249	2 735
Cera	86	1 444	49	1 033	42	890
Camim	222	183	160	145	220	210
Cacau	9	121	10	142	5	70
Conchas e búzios	38	392	4	40	4	62
Outros	1 011	2 489	805	1 321	886	1 247

	1964		1965		1966	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
Totais . . .	**4 739**	**53 547**	**4 728**	**54 959**	**3 409**	**35 416**
Café	2 368	43 626	2 493	45 120	1 496	27 829
Copra	1 628	4 926	1 534	4 641	1 209	3 566
Borracha	238	2 574	243	2 640	204	1 833
Cera	64	1 465	74	1 654	15	321
Camim	131	155	232	320	×	×
Cacau	1	22	2	24	9	71
Conchas e búzios	19	193	5	46	10	77
Outros	290	586	154	514	×	×

(×) Ignorado.

Balança comercial

	1964		1965		1966	
	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos	Toneladas	Contos
IMPORTAÇÃO						
Metrópole	700	14 065	1 547	36 477	2 111	36 024
Províncias ultramarinas	1 559	7 977	932	17 364	1 568	29 067
Estrangeiro	8 796	66 053	8 845	59 341	13 837	76 377
Diversos	9	694	—	—	—	—
Total	11 064	88 789	11 324	113 182	17 516	141 468
EXPORTAÇÃO						
Metrópole	456	7 493	636	10 205	251	3 675
Províncias ultramarinas	497	6 108	61	1 000	13	269
Estrangeiro	3 786	39 946	4 031	43 754	3 145	31 472
Diversos	—	—	—	—	—	—
Total	4 739	53 547	4 728	54 959	3 409	35 416

6 — TURISMO

A) Atracções turísticas — Pode apontar-se como primeiro atractivo turístico de Timor a riqueza do seu panorama geográfico, a que depois se vem juntar — ampliando-o e completando-o — o panorama humano.

Na realidade, a policromia da paisagem, os acidentes montanhosos, os cursos de água, o pitoresco da vegetação e a exuberância e esplendor da natureza tropical são, porventura, o mais aliciante pano de fundo de uma forma de vida característica, dos hábitos e costumes de um conjunto de raças — europeus, amarelos, indianos, mestiços — que compõem com as suas tradições, o colorido dos seus gestos, a riqueza das suas crenças, um dos mais maravilhosos espectáculos onde o ineditismo é o principal actor.

Paisagens e outros atractivos naturais — No sentido Leste-Oeste são de salientar os pitorescos lagos de Muapitine e de Lautém, os grandes maciços florestais de Lospalos a Iliomar e o deslumbrante panorama de Tutuala sobre o oceano, de onde se avistam nove ilhas do arquipélago das Molucas e, junto à costa, o ilhéu do Jaco. Em Viqueque pode fazer-se a ascenção ao monte do Mundo Perdido (1775 m), do qual se desfruta uma paisagem lindíssima, abrangendo as duas costas da ilha norte e sul.

A 12 km de Viqueque, existem as grutas de Ossura, extensas e curiosas, com estranhas estalactites e estalagmites. Ainda nas imediações de Viqueque, deparam-se ao visitante as nascentes sulfurosas de Bié Manas e o vulcão de lama de Bibiluto. As estradas de Viqueque, quer para Ossú, Venilale e Baucau quer para Uato-Carbau, atravessam grandiosas florestas. Na estrada de Venilale desfruta-se um maravilhoso panorama na garganta de Lariguto. Em Uato-Carbau há que admirar a nascente de Ira Bere e, em Ali Aliambata, os afloramentos de petróleo. A melhor época para visitar esta região é nos meses de Agosto e Setembro.

Em Baucau existem as «salinas de Laga», de sal-gema, perto da estrada Baucau-Lautém. Nas proximidades de Laga, junto a uma lagoa, existe uma estação neolítica. A melhor época para uma visita turística é entre Julho e Novembro. Em Manatuto, encontram-se também panoramas interessantes, como o de Fatu-Berlio.

No concelho de Díli há que admirar: junto do «Hospital Dr. Carvalho», uma paisagem incomparável sobre a cidade, o mar e a ilha de Ataúro. Em Remexio há uma nascente termal, situada na área da povoação de Rai-Mera-Hei. Na ilha de Ataúro, ao norte, pode visitar-se uma gruta, em Acrema.

Em Ermera, além das plantações de café, são numerosos os atractivos turísticos, tais como a cascata denominada Mau Rai, na povoação de Daro-Lala. Em Lete-Foho encontra-se uma gruta impressionante, no local de Roto. Da cordilheira do Ramelau desfrutam-se encantadoras paisagens. Na povoação de Batu existe uma nascente termal. Na estrada Lete-Foho-Atsabe é de registar a cascata Bandeira.

Bobonaro, na fronteira com o Timor indonésio, oferece as termas do Marobo, e dez «chamas-eternas», em Horbá.

São também dignas de visita as estações pré-históricas de Lolotoi, Suai, Tilomar, Atabai e Cailaco.

Suro (a 107 km de Díli) possui as seguintes atracções turísticas: uma cascata na povoação de Nugu-Fu e as paisagens de Maubise e do monte Cablac. A 51 km de Same há ainda a mencionar o Mata-Mai-Lau, o pico mais alto da cordilheira do Ramelau e o ponto de maior altitude de todo o ultramar português.

A gruta das Andorinhas, extraordinàriamente curiosa, por nas suas paredes existirem centenas de ninhos de andorinhas, merece igualmente uma visita, que se aconselha, sobretudo, no período mais seco: Setembro e Outubro.

Na mesma região encontra-se a pitoresca cascata Doco-Mali, onde se pode pescar a engúia. A 61 km de Same, em Turiscai, avistam-se vastos panoramas e milhares de cafèzeiros.

As lagoas de Bicau-Tidum de Wilar e a caça fazem ainda parte dos atractivos desta região, cuja visita deve ser efectuada na época seca. Na circunscrição do Oé-Cussi existe um vulcão de lama, perto de Oé-Silo e a 29 km de Pante-Macassar.

Caça e pesca desportivas — A caça ao veado, ao crocodilo, ao porco bravo e ao búfalo bravo, é praticável em qualquer época, sendo o primeiro particularmente abundante nas regiões de Tutuala, Lautém, e Uato-Carbau e Liquiçá, sendo melhor, nesta última região, praticá-la na época seca.

No oceano, que banha Bazar-Tete, Liquiçá e Maubara, pescam-se tubarões, raias, garoupas, serras, atuns, sardinhas, polvos, chocos, lagostas, etc. Na época de Setembro a Novembro abundam as cavalas, nas costas de Lautém, porém, em Luca e Uato-Lari, os nativos costumam organizar grandes pescarias nos meses de Agosto a Outubro.

Festas regionais — Há a registar, além dos habituais estilos em honra dos mortos, as seguintes:

— O Ano Novo, no início das colheitas;

— A pisa do neli, «Sama hare», realizada de noite com cânticos rítmicos;

— A festa do Feto-Sá-Umani, em que as famílias de um futuro casal se reúnem para negociar o «barlaque»;

— O «Loro-sá», dança guerreira, de que ainda hoje se faz um simulacro.

São da região de Manatuto os «moradores», curiosa milícia de nativos, que comparecem em todas as solenidades, fardados, com grande aprumo militar, orgulhosos da sua já secular existência.

São de salientar as festas do Sale-Sau e um livro há longos anos guardado na casa do chefe da povoação de Mano-Mono, que é «lulic» (sagrado) e três boiões de barro vidrado, perante os quais os timorenses cumprem certos preceitos religiosos. Existe uma pedra sagrada secular, denominada Lelo-Bere.

Em Suai, na costa sul, realizam-se no 3.º domingo de Julho interessantes festas populares e, em Julho e Agosto, na lagoa de Be-Malaia, na costa Atabai, tem lugar uma grande pescaria.

Artesanato — Em toda a Província se procede à manufactura caseira de «panos timorenses», objectos de ponta de búfalo e tartaruga, pirogravura em bambús, esteiras das folhas de coqueiro e palapeira, «lafatic», cestas de folhas, chapéus e tabaqueiras de palha, etc. Na região de Batu, como arte popular são fabricadas curiosas peças de ourivesaria e de cobre.

O Centro de Informação e Turismo, juntamente com as administrações dos concelhos têm estimulado a prática do artesanato local, muito apreciado pelos turistas.

B) Passaportes e outra documentação — A entrada de estrangeiros na província de Timor está sujeita ao regime de passaportes devidamente visados por um representante diplomático ou consular português.

Os prazos de validade dos vistos são de 20 dias para os de trânsito e de 90 dias para os demais casos. O visitante deverá apresentar à entrada certificados válidos de vacinação contra a varíola, febre amarela e cólera.

C) Alfândegas — À entrada: cigarros até 100 gramas, sem restrições. Cigarros e tabaco até 5 quilos — permitido contra o pagamento de taxas. É permitida também a entrada livre dos artigos adiante referidos, quando fizerem parte da bagagem pessoal do passageiro: água-de-colónia (frascos abertos), equipamentos de desporto e de campismo, máquinas fotográficas, aparelhos de rádio, máquinas registadoras de som, máquinas de escrever portáteis, giradiscos e respectivos discos, binóculos, máquinas de filmar, carros de criança e jóias.

D) Hotéis — Hotel Miramar, Restaurante Resende e Pensão Mie Hap em Díli, e Estalagem de Santiago em Baucau.

E) Cinemas — Em Díli há dois cinemas.

OFICINAS GRÁFICAS MANUEL A. PACHECO, LDA.